

Carolina Filippo do Nascimento

SANTUÁRIO DE ANIMAIS



Carolina Filippo do Nascimento

SANTUÁRIO DE ANIMAIS

Proposta de exposição fotográfica para divulgação
dos santuários brasileiros.

Orientação: Carlos Azambuja

Co-Orientação: Irene Peixoto

UFRJ - Centro de Letras e Artes (CLA)

Escola de Belas Artes (EBA)

Departamento de Comunicação Visual - BAV

Projeto de conclusão em Comunicação Visual Design

2017.2

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Marcia e Cesar, por todo apoio, amor e lições de vida. Por terem me proporcionado oportunidades ao mesmo tempo que me deixaram livre para explorar e me tornar quem eu sou hoje.

Ao meu namorado Lucas, que foi meu parceiro durante toda essa jornada de TCC. Que sempre acreditou em mim e no meu potencial. Agradeço imensamente pelo amor, carinho, ombro pra chorar e pelos incontáveis desabafos.

À minha psicóloga Dra. Jandira Viana, pelos puxões de orelha e conversas francas que me colocaram nos eixos e me fizeram encarar minha ansiedade.

Aos professores Carlos Azambuja e Irene Peixoto, por acreditarem em mim e nesse projeto, mesmo com todas as reviravoltas. Muito obrigada pelo incentivo e paciência.

À todos os meus amigos, por serem compreensivos com o meu sumiços nos últimos meses. Em especial, meu mais sincero obrigada à Alana, Mayara, Mayumi, Juliana e Maria,

que me incentivaram a dar meu melhor e estiveram presentes quando eu mais precisava. Obrigada pelo carinho. À Maíra, que foi extremamente gentil em me emprestar sua lente, obrigada pela confiança.

À minha chefe, Joanna, e colegas do IMS Rio, Franco, Guilherme, Thais, Wallace e Daniel, que me ensinaram tudo que sei hoje sobre tratamento e impressão. Esse trabalho não teria chegado a esse resultado sem a ajuda de vocês. Obrigada também pela compreensão todas as vezes que precisei sair mais cedo.

E por último, mas certamente não menos importante, agradeço às fundadoras do Santuário das Fadas e Comunidade Nova Terra, Patrícia Fittipaldi e Pama, e à todos os moradores da Comunidade Nova Terra, por terem me recebido de coração aberto e por salvarem tantos animais.

RESUMO

FILIPPO, Carolina. **Santuário de Animais:** proposta de exposição fotográfica para divulgação dos santuários brasileiros.

Este trabalho de conclusão de curso consiste no desenvolvimento de fotografias e planejamento de exposição para abordar o tema santuário de animais no Brasil. O projeto tem por objetivo usar imagens para aproximar as pessoas desses lugares e informar como eles são e porque são importantes. Para isso, fotografia documental e metodologias de design expográfico e museografia foram utilizados para definir uma linguagem e estética que retratem os dois santuários visitados – Santuário das Fadas e santuário da Comunidade-luz Nova Terra (Núcleo Crer-Sendo).

Palavras-chave: fotografia documental, exposição, santuário de animais, design expográfico, museografia

ABSTRACT

FILIPPO, Carolina. **Animal Sanctuaries:** Photo exhibition proposal for Brazilian animal sanctuaries information dissemination.

This thesis revolves around the development of photographs and planning of an exhibition in order to present the work done by animal sanctuaries in Brazil. Its primary goal is to inform the reader on what is an animal sanctuary, and what is its relevance regarding animal welfare. To achieve that, documental photography as well as exhibition design and museography methodology were used to define a language and aesthetic that could portray the two animals sanctuaries visited – Santuário das Fadas and Santuário da Comunidade-luz Nova Terra (Núcleo Crer-Sendo).

Keywords: Documentary photography, exhibition, animal sanctuary, exhibition design, museography

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo 1 Santuário de Animais	07
1.1 O que é um Santuário de Animais e por que conhece-lo?	07
1.1.1 Dentro e fora do Brasil	10
1.2 Experiência dos santuários visitados	11
1.2.1 Santuário das Fadas	11
1.2.2 Núcleo Crer-Sendo: Comunidade-luz Nova Terra	12
Capítulo 2 Fotografia	14
2.1 Referências visuais	14
2.1.1 A fotografia social de Lewis Hine	15
2.1.2 O senso de humor de Robert Doisneau	20
2.2 Produção	22
2.3 Pós-Produção	22
Capítulo 3 Desenvolvendo uma exposição de fotografia	49
3.1 Processo de curadoria	49
3.1.1 Texto de curadoria	50
3.2 Museografia	51
3.2.1 Iluminação e ambientação cromática	54
3.3 Design expográfico	55
3.3.1 Impressão e montagem da exposição	55
3.3.1 Identidade visual e material gráfico	59
Considerações Finais	72
Bibliografia	73

INTRODUÇÃO

Quando entrei no curso de Comunicação Visual Design da UFRJ não sabia muito bem que direção seguir, afinal, design é multidisciplinar e capaz de se adaptar a diferentes cenários e áreas do conhecimento. Ao longo do curso construí um repertório de interesses que me moldaram como profissional. Dentre eles estava a fotografia, que se destacava e me fascinava. Busquei fazer todas as disciplinas disponíveis sobre o assunto e tentava formas de integra-lo as demais aulas.

Mas foi em 2015, ao começar a trabalhar no Instituto Moreira Salles, que consegui visualizar o caminho que queria seguir profissionalmente e, posteriormente, traçar os primeiros rascunhos do que seria este projeto. Essa experiência me aproximou ainda mais da fotografia, me colocou em contato com o processo de museografia e abriu meus olhos para o papel do design em uma exposição.

Paralelo a isso tudo, me recordo que desde pequena eu amava animais e meu lugar favorito era qualquer um que me permitisse interagir com eles. Da adolescência até a vida adulta foram muitas horas gastas assistindo Animal Planet e tentando aprender o máximo de fatos curiosos sobre diferentes espécies. Já na faculdade, comecei a me informar mais sobre pre-

servação ambiental, direito dos animais, ONGs de adoção, as ações do Greenpeace e PETA e sobre santuários de animais.

Podemos dizer, então, que este projeto surgiu da união de duas paixões: fotografia e animais. Sentia uma forte necessidade que querer ajudar e contribuir com a causa animal e, ao conversar com pessoas, percebi que havia uma falta de conhecimento geral sobre os santuários. Partindo dessa premissa de desinformação, visitei dois santuários localizados no Estado do Rio de Janeiro – Santuário das Fadas e santuário da Comunidade-luz Nova Terra – a fim de vivenciar e registrar como funcionam, quais as suas necessidades, valores e suas histórias.

Essa monografia é o resultado das visitas sob a perspectiva do olhar fotográfico, onde proponho uma exposição para conectar as pessoas com esses lugares por meio de imagens. As próximas páginas introduzem ao leitor o que é um santuário de animais, qual a sua importância e apresentam quais foram as influências e processos usados para a produção das fotografias. Também é abordado quais as metodologias de design foram aplicadas no processo de planejamento e execução da exposição proposta.

CAPÍTULO 1 SANTUÁRIO DE ANIMAIS

Este projeto surgiu da premissa que santuários de animais são pouco conhecidos no Brasil. Ao longo da minha trajetória para desenvolver este trabalho de conclusão de curso diversas vezes me vi encarada por olhares confusos e questionada sobre o que são e pra que servem.

A fim de formalizar e testar minha hipótese, realizei uma enquete online com 320 participantes – independente de idade, gênero ou classe econômica. Nela continham duas principais perguntas:

Você sabe o que é um santuário de animais?

48,1% NÃO 32,2% SIM
19,7% OUVIU FALAR

você sabia que existem santuários no Brasil?

68,1% NÃO 31,9% SIM

Na enquete foi demonstrado que ainda há confusão acerca do que são os santuários. Para a pergunta “Qual/quais santuário(s) você conhece?” dos 52% que disseram conhecer ou ter ouvido falar em algum santuário, 34% citaram instituições, ONGs ou reservas ambientais como SUIPA, Projeto Tamar, GARRA, Fernando de Noronha e Associação Mico-Leão-Dourado (AMLD).

Com base nesses dados – e pesquisas que serão apresentadas no decorrer deste capítulo – ficou evidente para mim a necessidade de difundir o trabalho realizado pelos santuários de animais.

1.1 O QUE É UM SANTUÁRIO DE ANIMAIS E POR QUE CONHECE-LOS?

Santuários de animais são locais onde animais vítimas de maus tratos, abandono, exploração e/ou tráfico são abrigados e tratados. São associações sem fim lucrativo, cujo objetivo é proteger e defender toda e qualquer espécie animal, respeitando a especificidade de cada

uma. Oferecem um espaço onde os animais possam viver dignamente da forma mais natural possível pelo resto de suas vidas.

Dentro dos santuários, os animais são vistos como seres tutelados, jamais como propriedade, portanto, não são usados para nenhum fim, seja tração, alimentação ou entretenimento. Cada espécie possui uma rotina, uma alimentação específica e abrigo adequado para passar a noite.

A grosso modo, podemos destacar três grupos de animais recebidos em santuários, sempre tendo em mente que cada caso é um caso: animais domésticos, de fazenda e silvestres/exóticos. Animais domésticos, como cães e gatos, são comumente resgatados de abandono ou maus tratos. Assim como em ONGs de adoção, os santuários acolhem e reabilitam esses animais até que estejam prontos para serem adotados.

Animais de fazenda – equinos, suínos, bovinos, caprinos, aves e roedores – são resgatados da indústria alimentícia (abatedouros, aviários, distribuidora de animais), indústria de entretenimento (charretes e passeios, briga de galo, criadores e petshops irregulares), rituais religiosos e indústria farmacêutica e cosméticos. A maioria destes animais nasceu e cresceu em cativeiro, sendo completamente dependentes dos humanos e não sendo possível seu retorno a natureza. Por isso, passam suas vidas sob os cuidados dos santuários.

Já os animais silvestres/exóticos são resgatados de tráfico apreendido pelo IBAMA, caça, circos, zoológicos, comércio ilegal, pos-

se ilegal de estimação, abandono, acidentes¹, indústria farmacêutica e cosméticos, indústria de moda. Alguns desses animais, após tratamento e recuperação são reintroduzidos a natureza, porém, aqueles que apresentam sequelas que os impossibilitam de sobreviver em seu habitat natural passam a ficar sob os cuidados dos santuários ou são levados para reservas ou locais especializados.

¹ Atropelamento; animais feridos por entrarem em casas.

Grupo	Animais	Resgate	Procedimento
Doméstico	Cães e gatos	Abandono, maus tratos	Adoção
Fazenda	Equinos, suínos, bovinos, caprinos, aves e roedores	Indústria alimentícia (abatedouros, aviários, distribuidoras), indústria de entretenimento (charretes e passeios, briga de galo, criadores e petshops irregulares), rituais religiosos, indústria farmacêutica e cosméticos	Permanência no santuário
Silvestre/ Exótico	Animais selvagens pertencentes ou não da fauna brasileira; elefantes, grandes felinos (tigres e leões), araras, primatas, ema/ avestruz, entre outros	Tráfico, caça, circos, zoológicos, comércio ilegal, posse ilegal de estimação, abandono, acidentes (atropelamento, entrada em domicílio), indústria farmacêutica e cosmético, indústria de moda	Reintrodução a natureza, permanência no santuário ou transferência para locais especializados

Tabela. Resumo dos grupos de animais encontrados em santuários.

Anteriormente aponte que algumas instituições foram citadas durante a enquete online. Um exemplo que serve para definir melhor a distinção entre santuários de animais e entidades como o projeto Tamar vêm do fato que apesar de ambas as entidades terem o interesse em proteger, preservar a vida animal e educar a população, suas propostas são divergentes. Além de se focar na preservação da vida marinha, proteção de espécies em risco de extinção e a procriação das mesmas, o Projeto Tamar faz uso dos animais incapazes de retornar ao habitat natural como forma de incentivo para visitação de suas unidades e angariar fundos. Já santuários não procriam, treinam ou exibem seus animais. Tudo é feito para que eles convivam entre si com o mínimo de interferência humana. Para visitá-lo, é necessário agendamento, que varia de acordo com a disponibilidade do local, e o visitante estará acompanhado de um representante.

Quanto a importância de conhecê-los, cito uma frase de Ben Callison – diretor da *Cleveland Amory Black Beauty Ranch*, um dos maiores e mais diversos santuários de animais dos Estados Unidos – para um artigo no site *Live Science*: *“In an ideal world, my job would not exist”*². Em 2015, das 7.535 denúncias ao Disque-Denúncia sobre Crimes Ambientais, 48% estavam na categoria de Meus Tratos Contra os Animais. Segundo o site do Disque-Denúncia isso inclui:

“abandonar, espancar, golpear, mutilar, envenenar, manter preso permanentemente em correntes, manter em locais pequenos e anti-higiênicos, não abrigar do sol, da chuva e do frio, deixar sem ventilação ou luz solar, não dar água e comida diariamente, negar assistência veterinária ao animal doente ou ferido, obrigar a trabalho excessivo ou superior a sua força, utilizar animal em shows que possam lhe causar pânico ou estresse, promover violência como rinhas de galo e ferra-do-boi”.³

³ Disque-Denúncia:
<http://disquedenuncia.org.br/noticia.php?id=512>

Este ano (2018) o rinoceronte-branco do norte oficialmente entrou na lista de animais em extinção com a morte do último macho, restando apenas duas fêmeas no mundo. A espécie chegou a este ponto devido a caça ilegal e demanda no mercado por chifres de rinoceronte. Diversos outros animais, terrestres e marinhos, se encontram em situação parecida. O AquaRio, maior aquário marinho da América do Sul, abertamente divulga que parte de seus animais foram capturados de seu habitat natural para serem colocados em um tanque (o que os coloca sob grande estresse) e seus tubarões recebem comida na boca (tornando-os completamente dependentes de nós e afastando-os de seu comportamento natural).

Enquanto houver animais sendo abusados, explorados e negligenciados pela ação humana, vai existir a necessidade de locais para ajuda-los. Santuários, junto com reservas e parques ambientais, projetos de preservação

² “Em um mundo ideal, meu trabalho não existiria”, tradução livre.

e ONGs, são lugares que tentam minimizar os danos causados pelo ser humano a natureza. Como tudo na nossa sociedade capitalista, um produto só existe porque existe demanda.

Conhecer os santuários de animais e os ajudar significa nos responsabilizarmos por nossas ações neste planeta e retribuir.

1.1.1 DENTRO E FORA DO BRASIL

Santuário de animais é um conceito jovem no Brasil. Para fins comparativos, tomemos como exemplo os santuários nos EUA. Existem duas organizações de verificação e certificação de santuários, a *American Sanctuary Association* (ASA) e *Global Federation of Animal Sanctuaries* (GFAS), que são responsáveis por fiscalizar se os estabelecimentos estão dentro do padrão de qualidade e bem estar dos animais. Ambas organizações possuem listas de todos os santuários certificados e podem facilmente ser encontradas em seus sites, isso garante mais visibilidade ao santuário e facilita que um possível doador encontre um santuário de confiança e até mesmo que outras pessoas entrem em contato para possíveis ações ou parcerias.

No Brasil não há nenhum tipo de fiscalização ou incentivo aos santuários. Qualquer pessoa pode começar seu santuário e não há como garantir que o trabalho está sendo feito de forma correta. A falta de registro dos santuários dificulta sua divulgação e, conseqüentemente, a quantidade de doações. Os santuários

brasileiros são completamente independentes e se auto promovem nas redes sociais, feiras veganas, feiras de adoção e pequenas parcerias. Não se sabe ao certo quantos santuários existem no Brasil, até o momento de conclusão deste trabalho, consegui localizar oito através das redes sociais.

Santuário das Fadas (Itaipava/
Teresópolis, RJ);

Projeto Anjinhos da Rua (Peruíbe, SP);

Projeto GAP (Sorocaba, Paraná, Vargem Grande Paulista, Ibiúna);

Rancho dos Gnomos (Cotia, SP);

Santuário de Elefantes (Chapada dos Guimarães, MT);

Santuário Salvando Vidas (Campos dos Goytacazes, RJ);

Santuário do Núcleo Crer-Sendo
(Teresópolis, RJ);

Parque de Proteção aos Jumentos Padre Antônio Vieira (Santa Quitéria, CE).

Outra diferença é sobre como apoio e estrutura afetam a interação com as pessoas. Santuários não são zoológicos, nem no Brasil e nem no exterior os animais estarão presos ou enjaulados enquanto pessoas circulam livremente sem supervisão. Aponto o *The Gentle Barn* (um dos santuários de animais mais conhecidos nos EUA, localizado na Califórnia, Tennessee e Missouri) como exemplo do que se é capaz quando há incentivo: com toda sua estrutura, ele abre suas portas uma vez por semana para visitaçao paga, onde os animais estão soltos e os visitan-

tes podem andar por entre eles, fazer carinho e alimenta-los. É uma ótima forma de arrecadar dinheiro e educar as pessoas sobre maus tratos. Durante a visita os animais estão acompanhados de um voluntário que supervisiona a interação com as pessoas, ensina sobre o animal – como chegou ao santuário, sua recuperação, do que se alimenta, onde gosta de receber carinho, sua personalidade – e se certifica que o animal não está estressado. Nem todos estão disponíveis durante a visita, alguns ainda estão em tratamento, em processo de socialização ou simplesmente foi constatado que eles não se adaptam a interação humana. O bem estar do animal é sempre posto em primeiro lugar.

Esta situação é mais complicada no Brasil justamente pela falta de recursos da maioria. É possível visitar os santuários, mas é preciso entrar em contato e agendar de acordo com a disponibilidade local, porém nem todos tem programa de visita justamente para preservar seus animais. Normalmente é o próprio fundador que administra tudo com a ajuda de alguns funcionários pagos ou voluntários.

1.2 EXPERIÊNCIA NOS SANTUÁRIOS VISITADOS

Santuários de animais são nomeados assim por seguirem as características específicas apresentadas nos tópicos anteriores. É isso que os difere de outras associações e instituições de proteção e preservação animal/ambiental. Não faço essa comparação para hierarquizar ou

impor valores de relevância. Cada um desses lugares tem sua importância para o bem estar animal e cada um atua em setores diferentes, seja na preservação de uma espécie específica, achar um lar para um cachorro de rua, educar, proteger uma área natural e sua fauna ou simplesmente dar um lar permanente para animais que não podem voltar a natureza.

Dito isto, gostaria de utilizar este espaço para registrar minha experiência nos dois santuários que visitei para este trabalho. Apesar de todos seres classificados como santuários de animais, nenhum santuário é igual ao outro em termos de rotina e estrutura, pois precisa atender as especificidades das espécies que abrigam. Não se pode esperar, por exemplo, que o Projeto GAP⁴ tenha a mesma estrutura do Rancho dos Gnomos⁵ ou do Santuário de Elefantes ou do Santuário das Fadas⁶.

Para este trabalho de conclusão de curso, visitei o Santuário das Fadas e o santuário dentro do Núcleo Crer-Sendo.

1.2.1 SANTUÁRIO DAS FADAS

O Santuário das Fadas foi fundado pela veterinária Patricia Fittipaldi e localizava-se em Itaipava. Durante a produção deste trabalho, a Patricia me informou que por conta das fortes chuvas na região o santuário perdeu grande parte de seu terreno para deslizamentos. Os animais de grande porte (vacas, cavalos, bodes e porcos) foram levados para o santuário

⁴ Santuários dedicados a grandes primatas.

⁵ Santuário dedicado a animais silvestres e exóticos.

⁶ Santuário dedicado a animais domésticos e de fazenda.

do Núcleo Crer-Sendo até que um novo terreno fosse encontrado. Os animais de menor porte permaneceram em Itaipava com a fundadora.

Durante todo o período de produção das fotos, os animais do Santuário das Fadas estavam no Núcleo Crer-Sendo, então pode-se dizer que visitei dois santuários em um. Poucas semanas após a conclusão das capturas, em dezembro de 2017, tive a notícia que a Patricia conseguiu alugar um terreno próximo ao Núcleo (Teresópolis) e que todos os animais do Santuário das Fadas voltariam a ficar reunidos em um só lugar.

Até o momento que esta monografia foi escrita o Santuário das Fadas estava em processo de adaptação e reforma do novo espaço e, portanto, não estava aberto à visitação.

A Patricia conta com a ajuda de funcionários pagos e voluntários para fazer a limpeza das baias e alimentação dos animais. Todo o dinheiro é conseguido através de doações, parceria com produtos ou empresas veganas e venda de roupas em feiras veganas. A fundadora está sempre presente nas redes sociais (Instagram e Facebook) postando fotos e vídeos dos santuário e campanhas parceiras.

O Santuário das Fadas possui animais domésticos, de fazenda e alguns animais silvestres. Contam com bovinos, equinos, suínos, caprinos, aves em geral, cães, gatos e roedores. Todos os cavalos, vacas e cachorros ficam soltos pelo terreno, sendo apenas recolhidos no fim da tarde. Vacas e cavalos tem suas próprias baias, e os cachorros ficam no canil ou dentro da casa com a Patricia durante a noite. Porcos

e caprinos, no novo terreno, estão temporariamente dividindo o mesmo espaço, com baias cobertas onde passam a noite e uma extensa área aberta para pegarem sol. Os gatos ficam no gatil, também com área coberta para passar a noite e área aberta para o dia. Cães, gatos e roedores estão disponíveis para adoção.

1.2.2 NÚCLEO CRER-SENDO: COMUNIDADE-LUZ NOVA TERRA

O Núcleo Crer-Sendo não é um santuário, mas possui um santuário. Fundado pela psicóloga Pama⁷, o Núcleo é um projeto que se estende para além do Brasil, onde pessoas buscam uma nova forma de vida. A Comunidade Nova Terra, localizada em Teresópolis é uma das comunidades existentes e onde tudo começou. Atualmente conta com 70 moradores (todos vegetarianos), destes, 40 crianças adotadas pela Pama, onde vivem em uma comunidade de troca e respeito por todos os reinos (animal, vegetal, humano e espiritual). Na Nova Terra, não existem posses, tudo é compartilhado e todos possuem uma função para ajudar o coletivo. O local conta com uma escola onde recebem professores da cidade, além de atividades extra curriculares como artes marciais e capoeira. Acreditam também na chamada Escola Viva, que através de oficinas as crianças participam das práticas da comunidade, como plantação, astrologia, laboratório natural, nutrição, entre outros.

⁷ Apelido que significa pai-mãe.

⁸ Dinheiro, alimentos, materiais de construção, produtos de banho, mobília, etc.

O Núcleo vive exclusivamente de doações⁸ e não aceitam se forem de empresas. O trabalho que realizam é bastante conhecido em Teresópolis e tem o apoio das autoridades locais. Possuem parceria com pequenos fazendeiros e produtores locais que doam o excesso da colheita. Realizam também feiras beneficentes, chamadas de Bazar do Amor, com objetos e materiais doados para ajudar outras famílias e comunidades da região.

Dentro deste contexto, surgiu um santuário de animais. Ele não foi uma criação intencional, a comunidade segue uma filosofia de vida que abraça todos os seres vivos e, dessa forma, as pessoas que lá vivem não viram as costas para nenhuma vida em necessidade. Começou com um animal resgatado mas sem lugar para ficar e outros que apareciam ou eram abandonados pela região. Com o crescente número de animais, viu-se a necessidade de construir uma área dedicada a eles.

Fiz um total de três visitas a comunidade para conhecer e fotografar o santuário, sempre muito bem recebida e acompanhada por algum responsável. As visitas ao Núcleo devem ser agendadas de acordo com a disponibilidade local e são guiadas por um morador. Eles disponibilizam um dormitório caso o visitante queira passar mais de um dia, mas para isso o mesmo deve preencher um formulário e passar por uma entrevista. Tudo é feito para preservar os moradores e animais.

O santuário, chamado de Reino Animal, abriga cerca de 300 animais, dentre eles cães, gatos, equinos, bovinos, suínos, caprinos, ga-

los e galinhas, coelhos, um avestruz e um porco selvagem. No período que visitei esse número era ainda maior, pois somava-se com os animais do Santuário das Fadas.

Todas as manhãs, ao nascer do sol, os cavalos e vacas são soltos de suas baias e passam o dia pastando livremente pelo terreno. Ao fim da tarde, o inverso é feito, e todos são recolhidos para passarem a noite. Por serem muitos, que as vezes podem brigar entre si ou perturbar outros animais, os cães são separados em grupos. Cada grupo fica solto pelo terreno em uma determinada hora e é feito um rodízio ao longo do dia. Alguns cães são adotados pelos próprios moradores, então ficam soltos sob a responsabilidade de seus donos. Todos os outros animais possuem seu próprio espaço com área coberta para a noite e área aberta para o dia. Cães e gatos estão sempre disponíveis para adoção. Adulto ou criança, cada morador tem uma tarefa. Dentro do Reino Animal, as áreas dos animais são limpas diariamente e os animais são alimentados duas vezes ao dia.

CAPÍTULO 2 FOTOGRAFIA

A escolha de utilizar a fotografia para desenvolver este trabalho vem em parte de uma afinidade particular desenvolvida ao longo do curso de Comunicação Visual Design e por acreditar que o ditado popular “uma imagem vale mais que mil palavras” se faz muito verdadeiro nesta situação. O intuito é educar as pessoas sobre os santuários de animais, o uso da fotografia permite que o espectador vá além da linguagem textual e veja por si mesmo, quase que de forma íntima, o que são estes lugares. É uma ferramenta que desperta a curiosidade e torna a aproximação com o tema muito mais palpável.

Podemos afirmar que nós, humanos, somos seres visuais. Hoje em dia com o avanço da tecnologia e das redes sociais, mais do que nunca sabemos do impacto que uma imagem pode causar – narrativas de nossas vidas, sendo elas verdadeiras ou falsas, são contadas todos os dias quando optamos por postar uma foto do que almoçamos ou a selfie perfeita. Se olharmos para história, a imagem sempre esteve presente: os primeiros registros visuais cravados em paredes de cavernas, da pintura renascentista ao modernismo, a criação da câmara escura, a disseminação da fotografia com

a invenção do daguerreótipo, até a chegada dos smartphones e seus aplicativos.

Em 1909, o fotógrafo americano Lewis Hine (que será abordado de forma mais aprofundada ao longo deste capítulo) escreveu em seu livro *Social Photography, how the Camera May Help in the Social Uplift*:⁹

*“Quer se trate de uma fotografia ou de uma pintura, a imagem é um símbolo que nos faz entrar em contacto íntimo com a realidade. (...) A imagem é a linguagem de todas as nacionalidades e de todas as épocas”.*¹⁰

⁹ “Fotografia Social, como a câmera pode ajudar na ascensão social” em tradução livre.

¹⁰ trecho e tradução retirados do livro *Ensaio Sobre Fotografia*, de Niépce a Krauss; org. Alan Trachtenberg, p.125, 2013).

2.1 REFERÊNCIAS VISUAIS

Desde os primeiros rascunhos para este projeto, antes mesmo de ter um tema, um ponto estava definido: usar a fotografia documental. O motivo de rejeitar (neste caso) fotos de estúdio, abstracionismos, montagens etc., foi o desejo de me imergir no tema, viver e registrar a história enquanto ela acontece, ora como observador, ora como personagem.

Através de um levantamento de fotografos documentais e fotojornalistas, dois foram fundamentais para definir a linguagem e expressar a proposta deste trabalho: Lewis Hine e Robert Doisneau.

2.1.1 A FOTOGRAFIA SOCIAL DE LEWIS HINE

Antes de explicar quem foi Lewis Hine e falar sobre seu trabalho, é importante traçar o momento histórico no qual ele estava inserido. A virada do século XX foi de extrema importância para a história, pois marcou a forma de se ver e fazer fotografia; as discussões sobre fotografia não ser arte e nada além de uma cópia da realidade tornavam-se cada vez mais obsoletas. Os primórdios do Pictorialismo¹¹, com as impressões combinadas¹² de Henry Peach Robinson (1830-1901), agora ganhavam forma e força nas mãos do fotógrafo novaiorquino Alfred Stieglitz. A exposição *The Photo-Secession*¹³ (1902) foi o ápice do movimento Pictoralista, reunindo obras experimentais de fotógrafos de todo país.

¹¹ Também chamado de Pictorialismo, foi um movimento artístico dentro da fotografia que experimentava com técnicas e materiais a fim de produzir fotografias artísticas. Buscavam conferir a fotografia o mesmo valor das Belas Artes.

¹² Método de montagem e colagem de negativos para criar uma imagem. Esta técnica causou controvérsia, uma vez que, para a época, a fotografia era tida como imagem objetiva da realidade.

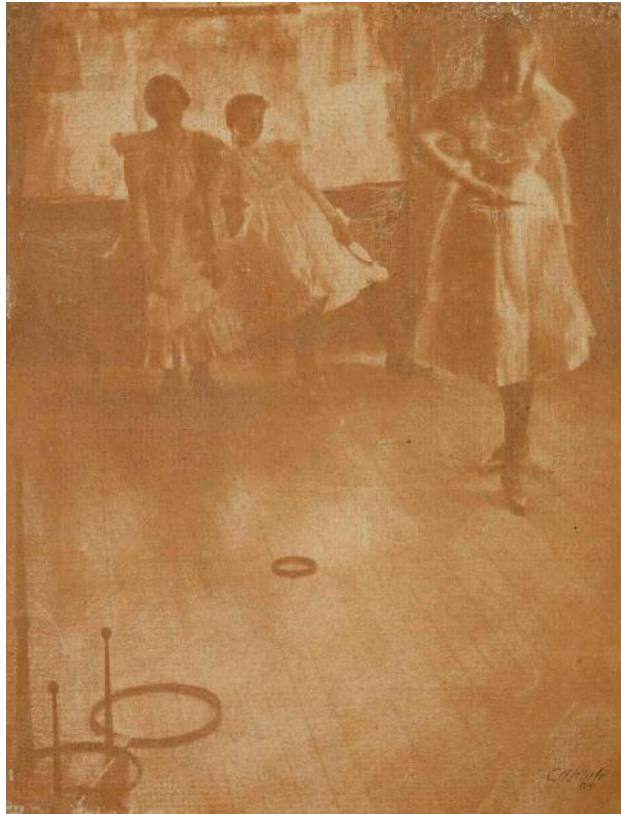
¹³ Exposição e, posteriormente, Associação com objetivo de reunir praticantes do pictorialismo e promover seu reconhecimento como meio de expressão artística.



Pictorialismo. **ROBINSON**, Henry Peach, *Fading Away* (1858).



Pictorialismo. **STIEGLITZ**, Alfred, *The Net Mender* (1894).

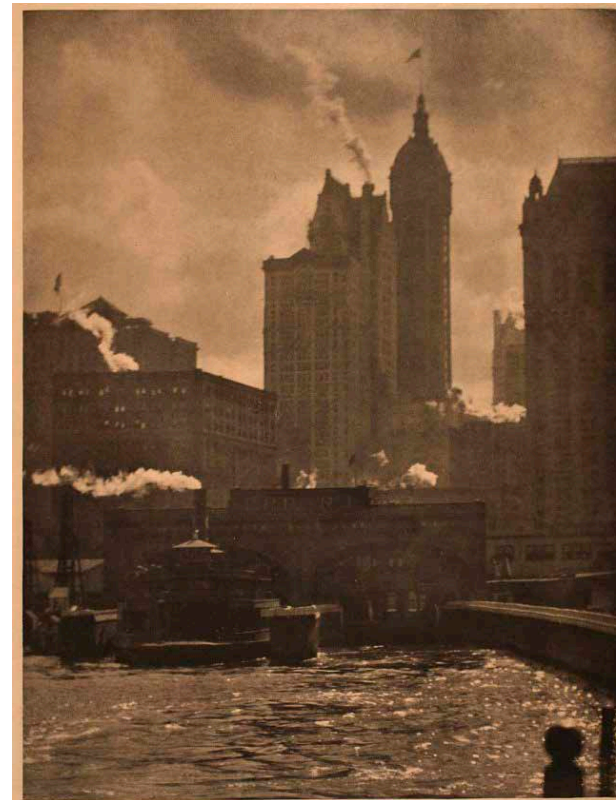


Pictoralismo. **WHITE**, Clarence H., *Ring Toss* (1899).

Na década de 1910, um novo movimento tomava forma, não para se contrapor aos Pictorialistas, mas para co-existir, o chamado *Straight Photography*¹⁴. A Fotografia Direta foi a base para outros movimentos, como, a fotografia documental, fotojornalismo, o grupo f/64¹⁵, fotografia de rua e até mesmo fotografia abstrata.

¹⁴ Vertente fotográfica cuja produção da imagem deveria ser pura, sem intervenções de laboratório ou material. Apenas o olhar do fotógrafo e o contato direto da câmera com a realidade é o suficiente para capturar a essência da imagem.

¹⁵ Grupo formado por fotógrafos adeptos da Fotografia Direta, dentre eles Ansel Adams. Valorizavam a imagem pura, com o máximo de detalhes e definição, e respeitavam as características dos materiais utilizados. O nome faz referência a menor abertura do diafragma em uma lente.



Fotografia Direta. **STIEGLITZ**, Alfred, *City of Ambition* (1911).



Fotografia Direta. **STRAND**, Paul, *Wall Street* (1915).



Fotografia Direta e Grupo f/64. **ADAMS**, Ansel, *The Tetons and the Snake River* (1942).

Em meio a esse turbilhão de mudanças na fotografia, havia Lewis W. Hine (1874-1940). Formado em sociologia, o fotógrafo norte-americano dedicou sua vida a documentar e trazer a público as condições da classe operária americana. Ele foi o idealizador de um terceiro movimento que influenciou diretamente este trabalho de conclusão de curso: a Fotografia Social.

Seus trabalhos mais famosos são os imigrantes na Ilha Ellis (Nova York, 1905), as crianças operárias (c. 1910) e os chamados *Skyjacks*, operários durante a construção do *Empire State Building* (c. 1930). Contudo, não foi a temática que o destacou, mas sim o estilo e abordagem que desenvolvia. Não era incomum retratar o trabalhador com o intuito de chocar, causar medo ou indignação, porém a Fotografia Social tinha o objetivo de:

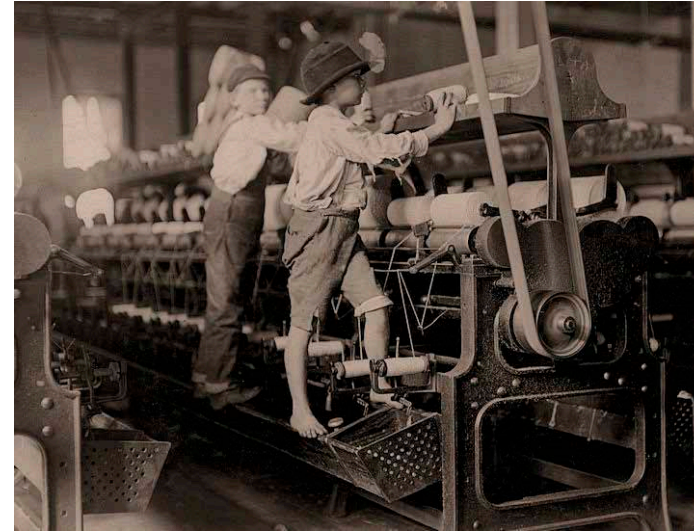
*“mostrar a classe operária no seu ambiente de uma maneira mais distanciada e objetiva. Para ele [Hine] a fotografia social era um processo educativo, uma fotografia era uma prova, um registro de injustiça social, mas também de seres humanos individuais que sobreviviam com dignidade em condições intoleráveis”.*¹⁶

¹⁶ Trecho retirado do livro *Ensaio sobre fotografia*, de Niépse a Krauss, org. Alan Trachtenberg, p.124.

Enquanto a arte buscava por beleza e perfeição, Hine via beleza nas coisas comuns, exaltava as imperfeições e convidava as pessoas a exercitarem a empatia. É nesta visão que este trabalho tira inspiração, um olhar humanizado a seres vivos (humano ou animal) que passaram por dificuldades e abusos, mas que não merecem pena, e sim compaixão.



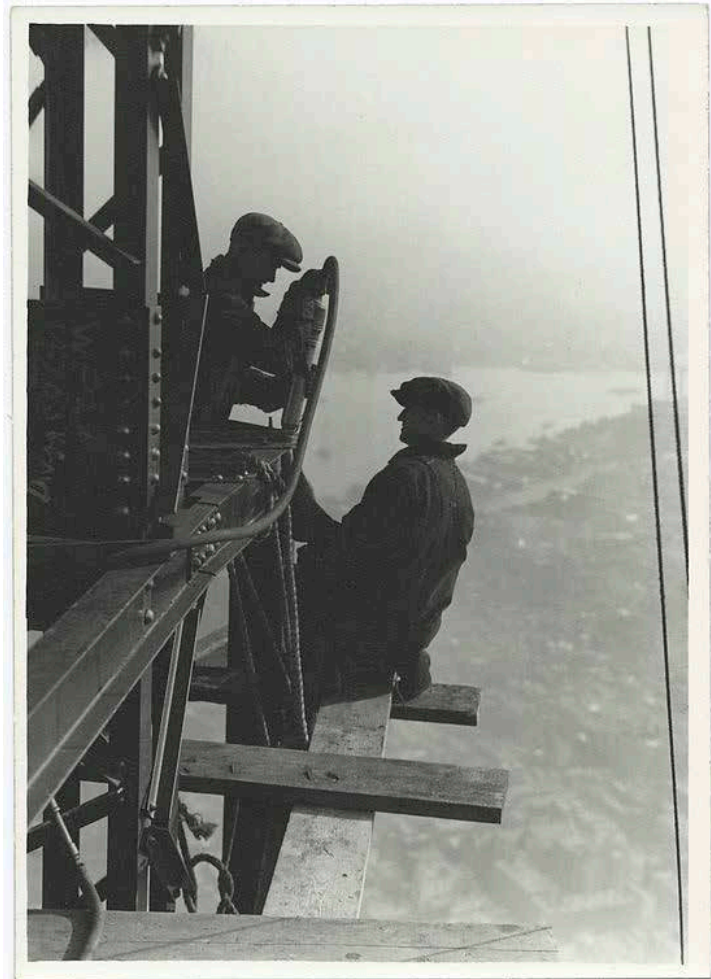
HINE, Lewis W., *Young mill worker* (1908).



HINE, Lewis W., *Bibb Mill No. 1* (1909).



HINE, Lewis W., *Icarus, Empire State Building* (1931).



HINE, Lewis W., *Two workers riveting a corner beam* (1931).



HINE, Lewis W., *Workers on Empire State building* (1931).

2.1.2 O SENSO DE HUMOR DE ROBERT DOISNEAU

Robert Doisneau (1912-1994) foi um fotógrafo francês conhecido pelas suas irreverentes e quase surreais fotografias de rua. Apaixonado por Paris, documentava o dia a dia dos franceses com olhar poético e descontraído, gostava de procurar justaposições e peculiaridades da natureza humana. Inicialmente estudou gravura e litografia na *École Estienne de Paris*, mas logo a largou alegando que as ruas da classe trabalhadora providenciariam a educação que importava.

Embora sua fotografia mais famosa seja *Le baiser de l'hôtel de ville*¹⁷ (1950), as crianças eram um de seus temas mais recorrentes, sempre tratadas com respeito.

As fotografias de Doisneau podem ser resumidas em senso de humor e empatia. Tais características foram o motivo de sua influência neste trabalho. Os santuários de animais são a segunda chance a vida de muitos animais, desenvolvem um trabalho sério e responsável ao mesmo tempo que são locais alegres e cheios de vida. Retratá-los de forma bem humorada é um ponto chave.

¹⁷ Curiosidade: durante anos acreditou-se que esta foto foi a captura de um momento espontâneo. Anos depois revelou-se que se tratava de uma série de fotografias encomendadas sobre o tema Amantes em Paris para publicações norte-americanas e para a revista *Life*. Doisneau seguiu dois amigos atores enquanto eles agiam como um casal. Para o fotógrafo não se tratavam de modelos, pois eles não posaram para a foto, mas sim de dois indivíduos flertando.



DOISNEAU, Robert, *Le Baiser de L'Hôtel de Ville* (1950).



DOISNEAU, Robert, *La Dame Indignée* (1948).



DOISNEAU, Robert, *Les Pains Picasso* (1952).



DOISNEAU, Robert, *Pupils on rue de Rivoli* (1978).



DOISNEAU, Robert, *La diagonale dei gradini* (1953).

2.2 PRODUÇÃO

Como escrito anteriormente, a linguagem que rege este trabalho é a da fotografia documental, o que significa que a produção das fotos foi realizada no local, com as pessoas e animais que lá habitam. A comunidade Nova Terra abriu suas portas e me permitiu acompanhar e registrar sua rotina.

Foram um total de três visitas: a primeira para conhecer a história do local e conversar com a Pama (fundadora da comunidade) e, a segunda, para conhecer de fato o terreno e tirar as primeiras fotos de forma mais livre. A terceira visita foi uma imersão de dois dias que me permitiu sentir na pele o que é um santuário de animais e direcionar meu olhar para as características que definem o lugar.

Além da linguagem, foi crucial para a produção ter em mente três pontos: os estudos realizados previamente, tanto sobre o tema quanto os fotógrafos usados de referência, a mensagem a ser passada e – o mais importante – iria me inserir na vida e rotina de outras pessoas. Em *O Instante Decisivo*¹⁸, Henri Cartier-Bresson ressalta a importância do jornalista fotográfico ter paciência e delicadeza, pois quando se trabalha registrando momentos que desaparecem, queremos trazer toda sua expressividade da forma mais genuína possível. Ao mesmo tempo que é preferível que esqueçam que o fotógrafo está ali, ele cria uma relação com as pessoas e muitas vezes uma única palavra pode arruinar tudo.

Quando se está lá no santuário com muitas

atividades ao mesmo tempo, ou em qualquer ambiente que não seja controlado (diferente de um estúdio, por exemplo), é muito fácil se desviar do objetivo, por isso, estes foram os guias para manter a execução nos trilhos.

As fotos foram tiradas com uma Canon Rebel T3i e duas lentes, 18-55mm e 50mm, sem uso de tripé.

2.3 PÓS-PRODUÇÃO

Uma vez tendo todas as fotografias, inicia-se o processo de pós-produção, que se divide em duas etapas: seleção e tratamento.

A primeira faz parte do processo de curadoria (que será aprofundado no próximo capítulo), cujo objetivo é escolher as fotos que melhor traduzam o tema para o espectador. Para isso, foram definidos critérios em que as imagens deveriam se enquadrar: documentar a vida em um santuário, despertar empatia pelo ser fotografado (pessoa ou animal), apresentar leveza e bom humor, humanização. Note que a técnica fotográfica neste caso serve apenas como complemento, pois a mensagem a ser passada pelo conjunto da obra foi julgada como foco principal. Por fim, foram selecionadas 25 fotos, das quais 3 são panorâmicas – para mostrar o terreno de forma mais ampla, localizando o espectador no espaço – e as demais em formato padrão 3:2, documentando o dia a dia e detalhes do santuário.

¹⁸ Capítulo do livro “O imaginário segundo a natureza”, Henri Cartier-Bresson, Editora Gustavo Gili, 2015; p.15-31.

O tratamento foi feito a fim de unificar as imagens. Esta etapa equipara-se ao processo de ampliação em laboratório, onde se busca equilibrar e amarrar todos os elementos que compõem a imagem – luz e sombra, passagens de cinza, tonalidade, intensidade de cor e nitidez.

Optou-se pela fotografia preto e branco, em primeiro lugar, por ser a estética de maior familiaridade para a autora, e segundo, pelo aspecto poético vinculado a este tipo de fotografia. Partindo do princípio que nós, seres humanos, enxergamos em cores, uma imagem colorida seria o que temos de mais próximo a realidade, contudo, a ausência da cor nos traz um novo olhar sobre aquilo que foi fotografado. Em *Filosofia da caixa preta*, Vilém Flusser escreveu:

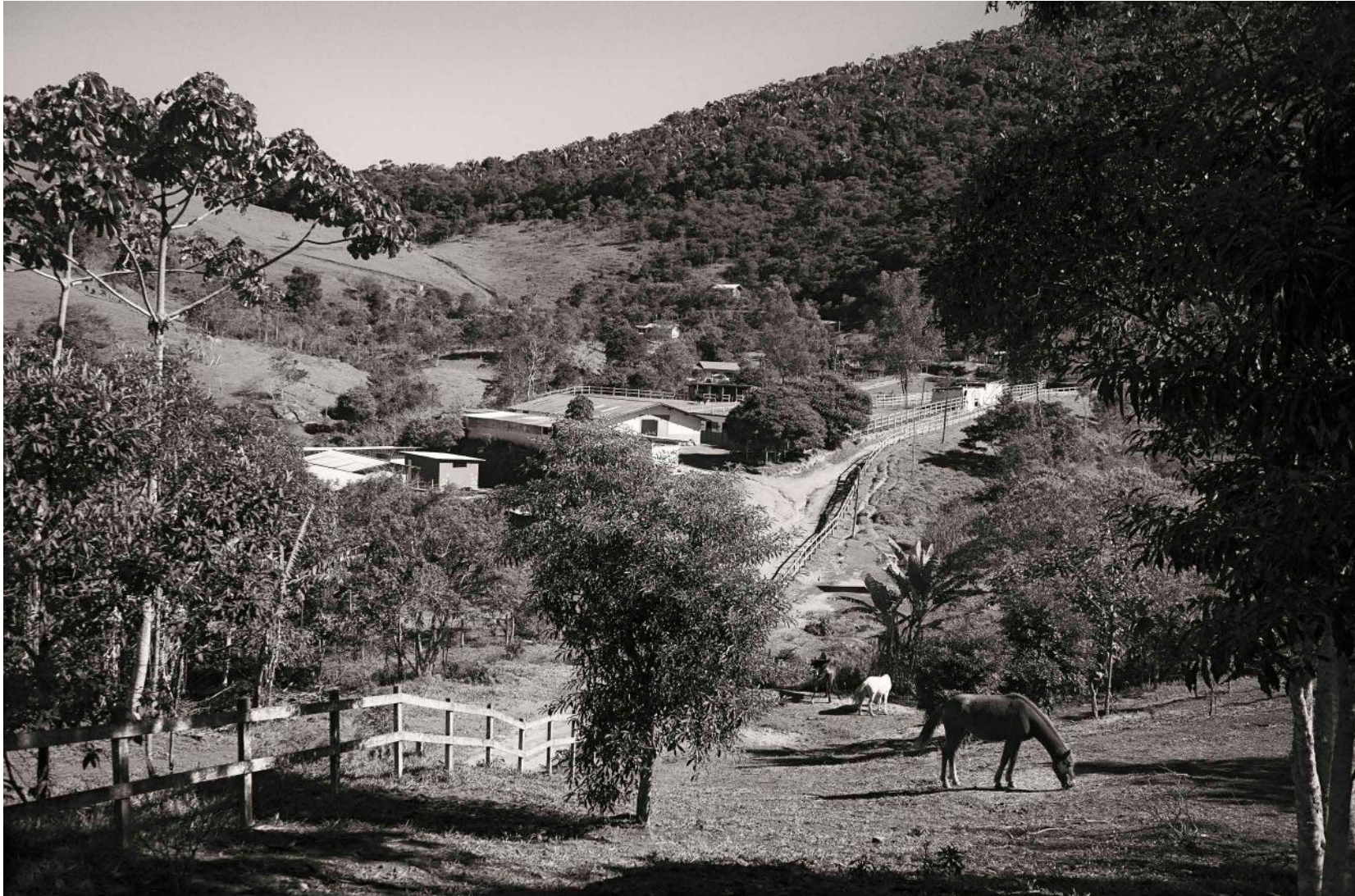
*“As fotografias preto e branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisso que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto e branco porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos”*¹⁹

A fotografia preto e branco, e suas inúmeras passagens de cinza conseguem extrair a essência e os detalhes de uma imagem, atçando nosso imaginário. As histórias que este ensaio pretende contar se encontram nessa linha tênue entre registro documental e imaginação.

Porém, somente preto e branco pode passar a impressão de frieza e melancolia, algo totalmente oposto ao que se sente dentro de um santuário. Cada animal que lá vive tem um passado de abuso ou abandono, mas não é isso que os define. Hoje vivem em liberdade ao lado de pessoas que amam o que fazem. Passar esse sentimento de acolhimento é primordial para este ensaio. Portanto, optou-se por incluir um tom quente as imagens, ao invés de manter o preto e branco neutro.

ESSE É O RESULTADO FINAL DO PROCESSO DE PÓS-PRODUÇÃO E AS FOTOS FINAIS PARA A EXPOSIÇÃO:

¹⁹ Citação retirada do artigo “Cor ou preto e branco? Razões de uma escolha”; Mauricio Puls para o site da Revista Zum, 2016.



Entrada do Reino Animal
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Meninos levando comida para os animais
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Cachorro descansando no buraco
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Emanuel segurando seu cachorro
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Alimentação dos filhotes no canil
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Irmã Rosa alimentando os carneiros e patos
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Carneiro
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Carneiro e patos seguindo menino
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Francisco e a ema Luminosa
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Moradores interagindo com animais do Reino Animal
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Tábata escovando a égua Spika
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Limpeza do estábulo
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Cavalo brincando com capim
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Cavalo brincando com capim
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Homem limpando estábulo
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Maryan guiando porco
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



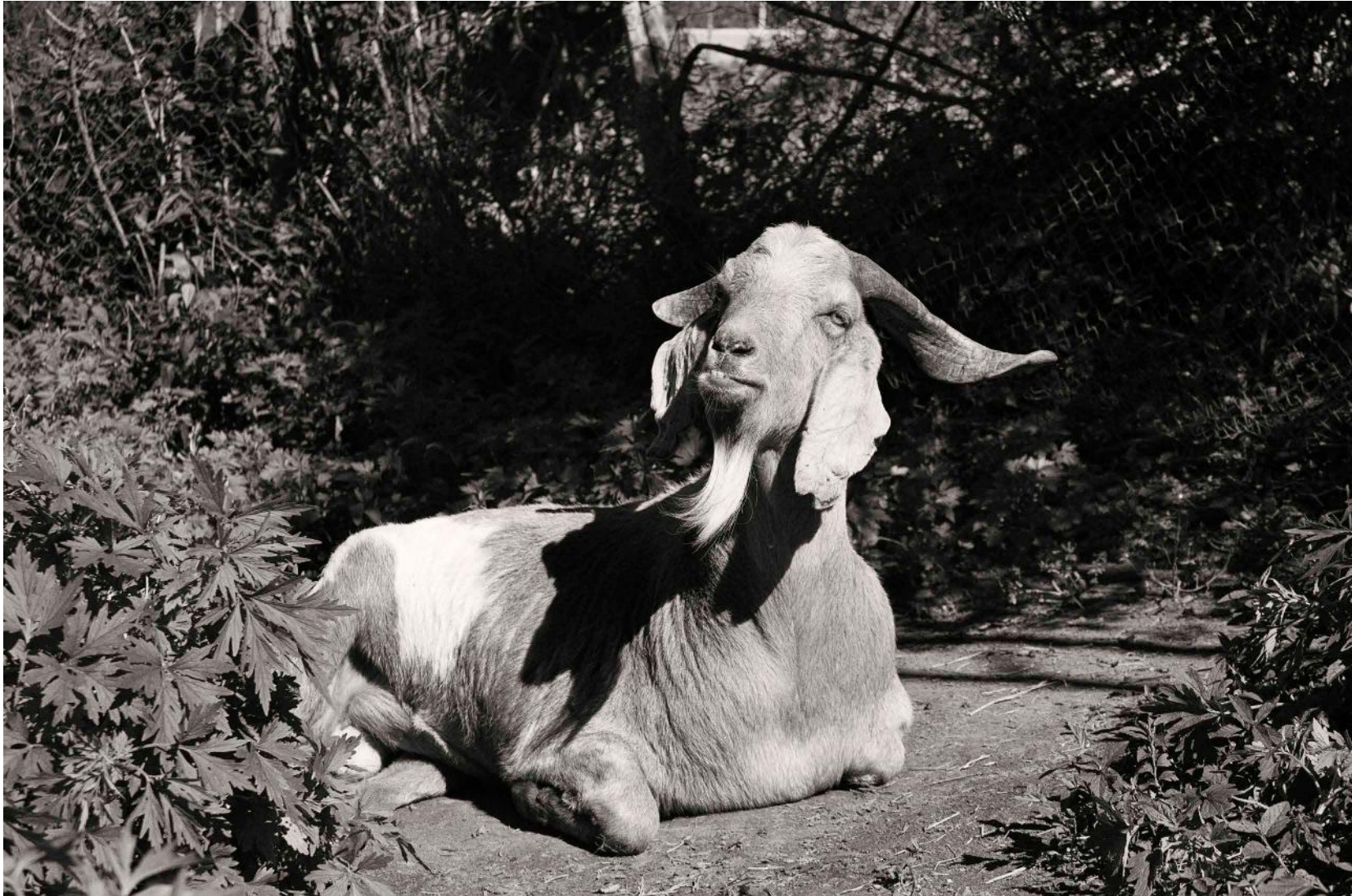
Gato espiando dentro do gatil
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Alimentação no gatil
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Menino alimentando bode
Santuário das Fadas / Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Bode Ravi
Santuário das Fadas / Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



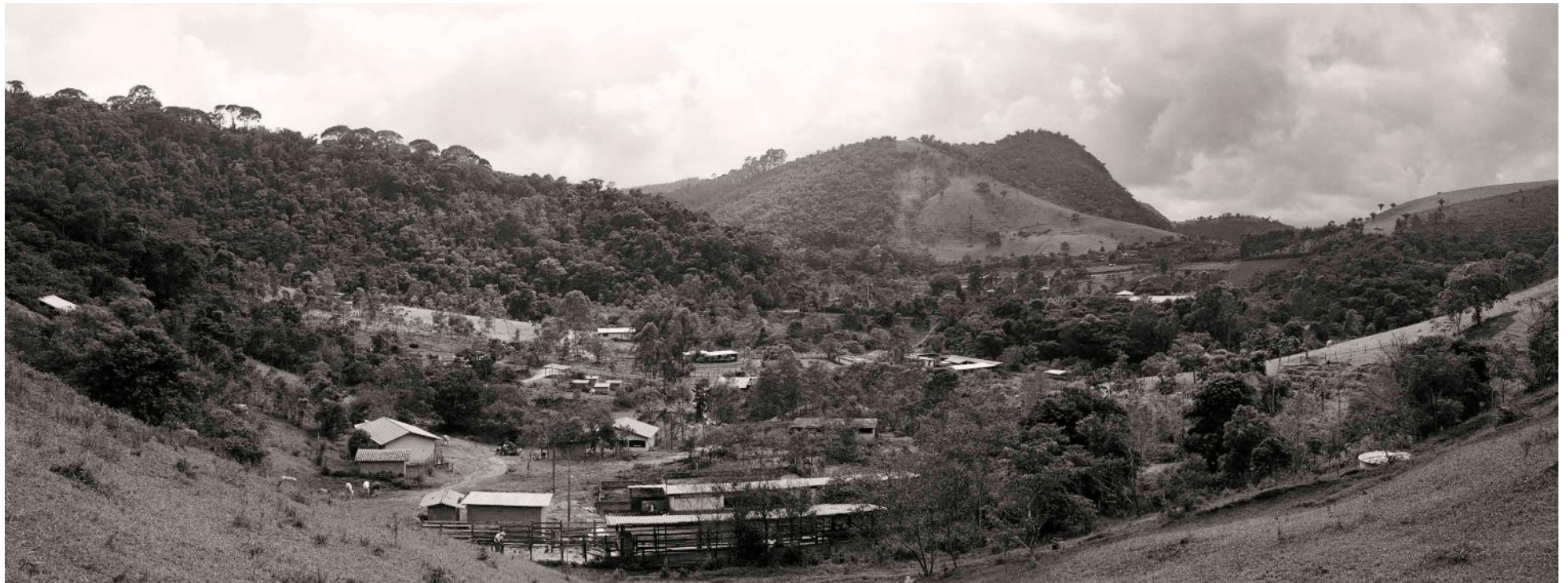
Renato levando comida para uma vaca em tratamento veterinário na baia dos bovinos
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



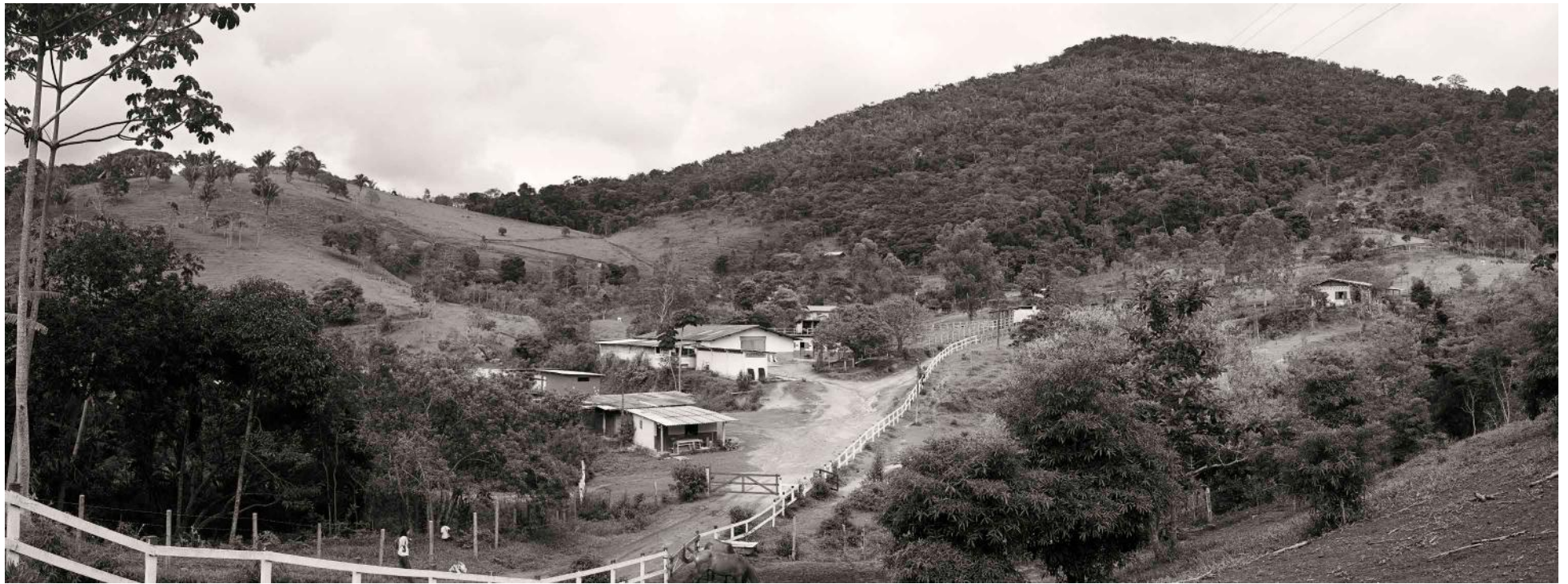
Bovinos voltando para suas baias no fim da tarde
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Vista do terreno da Comunidade Nova Terra
Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Vista do Reino Animal
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017



Vista da entrada do Reino Animal
Santuário da Comunidade Nova Terra
Teresópolis, RJ, 2017

CAPÍTULO 3 DESENVOLVENDO UMA EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

A escolha de desenvolver uma exposição veio de forma natural. Primeiramente, não poderia negar a influência que trabalhar no Instituto Moreira Salles teve sobre este projeto. Optar por basear meu trabalho em uma atividade que tenho afinidade e exerço diariamente acredito já ser motivo mais do que suficiente. Contudo, esse não foi o único.

A fotografia é uma linguagem maleável capaz de múltiplos usos e construção de múltiplos sentidos, o que significa que existem inúmeras outras plataformas nas quais elas poderiam ser utilizadas – revistas, cartazes, livros, sites, redes sociais, aplicativos. Imagens fazem parte do nosso dia a dia, fotografar passou a ser uma atividade comum as pessoas e o consumidor também é produtor. Ao mesmo tempo que somos atraídos por imagens, também estamos saturados e muitas nos passam despercebidas. Há muita informação e pouco tempo. Elaborar uma exposição é criar um universo paralelo, onde a pessoa que entra nele poderá se dedicar a uma seleção de imagens, sem ruídos externos. Não se trata de se isolar do resto

do mundo, pelo contrário, a mensagem e reflexões feitas dentro da exposição “Santuário de Animais” devem ser compartilhadas além das quatro paredes, trata-se de criar um espaço de foco no meio do caos.

Este capítulo é a etapa final deste trabalho, onde todos os elementos que o compõem se unem. Nas próximas páginas é explicado todo o desenvolvimento da exposição Santuário de Animais.

3.1 PROCESSO DE CURADORIA

O curador é aquele que zela e administra um acervo, que irá estudar, pensar e elaborar a melhor forma de exibi-lo, a fim de realizar a proposta do artista e, ao mesmo tempo, estabelecer novos pontos de vista.

Uma exposição é, acima de tudo, um projeto, portanto, surge de uma ideia e é guiada pelos conceitos que se quer passar para o público. O curador está presente em todas as etapas

e irá administrar a junção de todos os elementos que envolvem a exposição. Da escolha das obras, a montagem, escolha de cores, design e museografia, tudo deve refletir o conceito desenvolvido e as conexões estabelecidas entre as obras.

²⁰ Eder Chiodetto, em “Curadoria em Fotografia: da pesquisa à exposição”; p. 15.

“A ação do curador deve ser mediar, da forma menos ruidosa possível os pontos de contato entre a poética do artista e o imaginário do espectador.”²⁰

O conceito da exposição é simples, apresentar os santuários para as pessoas, o que são, o que fazem e por que é importante conhecê-los. Como explicado no tópico 2.3 - Pós-produção, o processo de seleção das imagens é uma função do curador e envolve escolher as imagens dentro dos critérios que permeiam o tema²¹. É a partir da edição que se estabelece a narrativa, ritmo e atmosfera, para que a intenção que se deseja passar fique em evidência.

²¹ Documentar a vida em um santuário, despertar empatia pelo ser fotografado (pessoa ou animal), apresentar leveza e bom humor, humanização.

Para a seleção das 25 fotos que compõem esta exposição, todas as pré-selecionadas que se enquadravam nos critérios foram impressas e colocadas sobre a mesa. Diferentes ordens e combinações foram testadas, sempre observando como relacionavam entre si e em conjunto, então uma a uma, as redundantes ou menos importantes foram eliminadas, resultando na seleção final. Processo semelhante foi utilizado na etapa de museografia e planejamento do espaço expositivo. Ter todas as obras dispostas a sua frente e poder tocá-las e organizá-las livremente, é um momento ínti-

mo onde o curador precisa ouvir as imagens e guiá-las pelo tema.

3.1.1 TEXTO DE CURADORIA

O texto de curadoria, normalmente aplicado na parede da exposição, é o espaço para o curador se comunicar diretamente com os visitantes. É um resumo da exposição em forma textual, onde se deve tocar na sensibilidade do espectador e incitar o interesse pelas obras ali expostas. Deve-se tomar cuidado, porém, para não ser muito acadêmico e cheio de retórica, pois o excesso de didatismo pode simplificar a discussão proposta pela exposição e esvaziar o sentido das imagens. O curador Eder Chiodetto, ao escrever sobre uma exposição, busca responder a pergunta: *“Se ouvíssemos essas fotografias falarem, o que elas diriam?”²²*

Com esses conceitos em mente, produziu-se o texto curatorial para a exposição Santuário de Animais, aplicado na parede da sala, no folder e na introdução do catálogo. O texto busca apresentar ao espectador, de forma resumida, o que é um santuário de animais e o convida a ver com seus próprios olhos e fazer suas próprias conexões.

Imagine-se em um lugar onde animais e seres humanos vivem em harmonia, onde todos são iguais e a vida é respeitada. Onde abuso e sofrimento são coisas do passado e todos têm direito a uma segunda chance. Imagine-se em um santuário.

²² Livro “Curadoria em Fotografia: da pesquisa à exposição”; p. 86.

Santuários de animais são associações sem fim lucrativo, cujo objetivo é resgatar, proteger e abrigar animais vítimas de maus tratos, abandono, exploração e tráfico. São locais onde diversas espécies vivem com dignidade e da forma mais natural possível pelo resto de suas vidas. Esta exposição é a forma que encontrei para contribuir com o crescimento dos santuários brasileiros em conjunto com minha paixão por animais.

As fotos presentes nesta sala são um pequeno registro do tempo que passei no Santuário das Fadas e santuário da Comunidade-luz Nova Terra do Núcleo Crer-Sendo. Por conta das chuvas que atingiram Itaipava no começo de 2016, o Santuário das Fadas havia perdido seu terreno e estava abrigado na Comunidade Nova Terra, em Teresópolis. Apesar das tremendas dificuldades da época, ambos os santuários abriram suas portas e corações para este projeto.

É difícil colocar em palavras a sensação de estar entre os animais, conhecer suas histórias e participar da rotina com os moradores. Existe algo que vai além de qualquer definição, algo que se sente mas não se diz. Por este motivo, deixo que as imagens falem por elas mesmas.

Convido todos a entrar e se deixar levar por esse pedacinho de mundo que trouxe comigo. Bem-vindos ao Santuário de Animais!

*Para mais informações e doações, acesse:
santuariodasfadas.org
novaterra.org.br/novaterra*

3.2 MUSEOGRAFIA

O planejamento da museografia deve tomar como partida o núcleo conceitual do projeto. Da idealização do espaço, posicionamento das obras, até a cor das paredes e elementos de design gráfico. A exposição deve ao mesmo tempo materializar a proposta da curadoria, a intenção do artista e deixar o visitante livre para ter contato com as obras e se deixar sensibilizar por elas.

Pensar no ritmo da sala é um bom ponto de partida para se planejar o espaço expositivo, pois engloba pensar na escala das imagens, espaçamento entre elas, quebras por espaços vazios ou esquinas, e como isso afeta a circulação de pessoas. É preciso pensar estratégias que atraiam a atenção do visitante por certo período, algo que tem se tornado cada vez mais desafiador com o avanço tecnológico e a velocidade que se consome informação.

Em paralelo, deve-se, assim como na seleção das obras, misturar e testar combinações com o propósito de encontrar a melhor forma de apresentar as imagens. Reunir duas ou mais obras na mesma parede inevitavelmente cria um diálogo entre elas, e o espectador naturalmente irá tentar estabelecer uma correlação. Portanto, a pré-organização é valiosa para que os diálogos elaborados pelo curador/artista sejam inteligíveis e não se criem ruídos indesejados. Um posicionamento errado e toda a intenção de uma exposição pode ser prejudicada, seja por um diálogo equivocado, duas imagens

fortes perderem seu impacto ao serem colocadas juntas, imagens complementares em cor ou composição competirem entre si, etc. É novamente a delicada linha entre tornar claro o ponto de vista da exposição, mas ao mesmo tempo deixar o espectador livre para fazer suas próprias observações.

As obras devem ser posicionadas de forma que uma fortaleça a outra, trabalho que por vezes se torna mais sensível do que técnico. A sequência das imagens, seja numa exposição, livro ou portfólio, age diretamente no conceito, na estética e impacto que se quer provocar. É onde se cria a narrativa (linear ou não) que irá conduzir quem as vê pela mensagem do projeto.

A exposição Santuário de Animais foi pensada para que o visitante ficasse livre para circular da forma que desejasse, sem a obrigatoriedade de seguir uma sequência “correta” de imagens. Projetado para uma sala quadrada ou retangular, as fotografias foram colocadas em duplas paralelas verticalmente e dispostas de forma a rodear e acolher as pessoas, assim como os santuários acolhem os animais. As duplas foram escolhidas para que os mesmos animais, ambientes e/ou atividades ficassem juntos. As três fotografias panorâmicas que compõem a seleção de imagens foram organizadas de forma linear em uma única parede, com o objetivo de valorizar sua horizontalidade e proporcionar reconhecimento espacial.

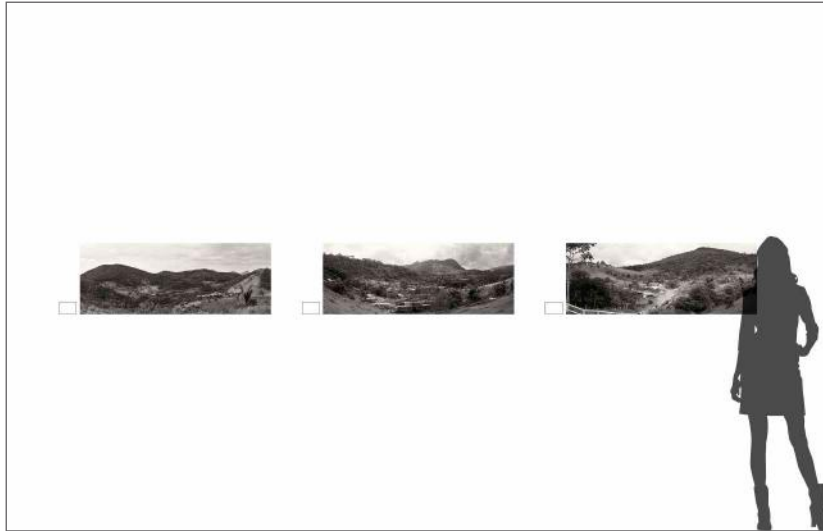
Com exceção das panorâmicas, as fotografias possuem o mesmo tamanho propositalmente, pois em um santuário todos – humanos e animais – são iguais e tratados com o mesmo grau

de respeito. Imagens com tamanhos diferentes podem criar níveis de importância e impacto, e para esta exposição é importante que não hajam hierarquias ou relações de dominância.

Para a simulação do espaço expositivo, utilizou-se a planta da Pequena Galeria do Instituto Moreira Salles, pois possui o formato e dimensões adequadas para o porte da exposição, ao mesmo tempo que tenho fácil acesso as informações da sala.



Planta baixa da exposição.



Elevação da parede 1.



Elevação da parede 2.



Elevação da parede 3.



Elevação da parede 4.

3.2.1 ILUMINAÇÃO E AMBIENTAÇÃO CROMÁTICA

A iluminação e as cores de parede de uma exposição são responsáveis por criar a atmosfera do espaço expositivo. Uma iluminação mal utilizada ou uma cor equivocada pode ofuscar até a mais potente das obras de arte, portanto, devem ser pensadas para que se crie uma ambiência que se conecte com as obras.

Para a exposição Santuário de Animais, optou-se por uma iluminação geral, com luz quente e rebaixada, a fim de criar um ambiente acolhedor e agradável aos olhos, para que o visitante que vem do mundo exterior – cheio de ruídos e claridade do dia – entre em um estado de relaxamento e se sinta bem-vindo, da mesma forma que me senti ao visitar os santuários.

Quanto a ambientação cromática, as paredes brancas criam um contraste com as fotografias, destacando-as, ao mesmo tempo que refletem a tonalidade quente da luz e tornam o banco menos intenso. O carpete cinza cria uma área neutra, sem reflexão de luz, e absorve ruídos internos, o que contribui para a atmosfera afável que foi idealizada.



Simulação 3D, vista 1.



Simulação 3D, vista 2.



Simulação 3D, vista 3.



Simulação 3D, vista 4.

3.3 DESIGN EXPOGRÁFICO

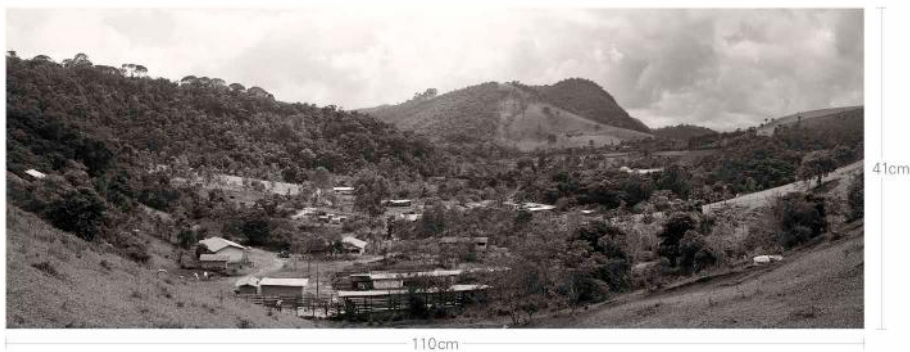
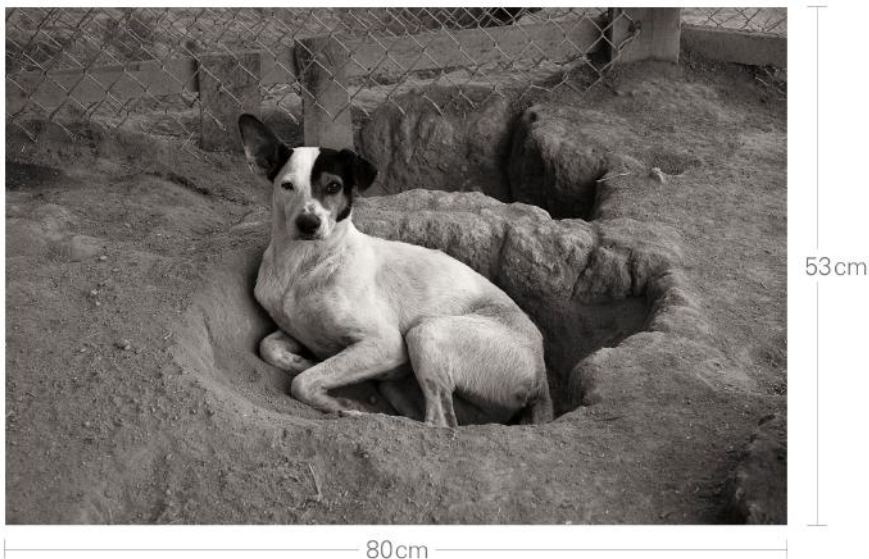
Assim como todas as etapas de um projeto de exposição, a parte gráfica deve estar alinhada ao núcleo conceitual. Nessa etapa o designer é responsável pela sinalização da sala, diagramação do(s) texto(s) de parede e legendas, tipografia, desenvolvimento gráfico do título, produção do material gráfico de apoio (folder, convite, divulgação impressa e digital) e catálogo. Pode auxiliar também, em parceria com o arquiteto responsável, na elaboração de soluções criativas para a organização e aproveitamento do espaço expositivo.

Nos próximos sub-tópicos irei detalhar cada uma das aplicações de design para esta exposição.

3.3.1 IMPRESSÃO E MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

As imagens foram trabalhadas em grande formato para que juntas ocupassem o máximo de espaço possível da sala, para gerar a imersão desejada pela curadoria. De toda forma, a limitação da câmera utilizada foi respeitada para que as fotos não perdessem qualidade.

Foram definidos dois formatos: panorâmica (110 x 41cm) e padrão retangular 3:2 (80 x 53cm).



Medidas das fotografias.

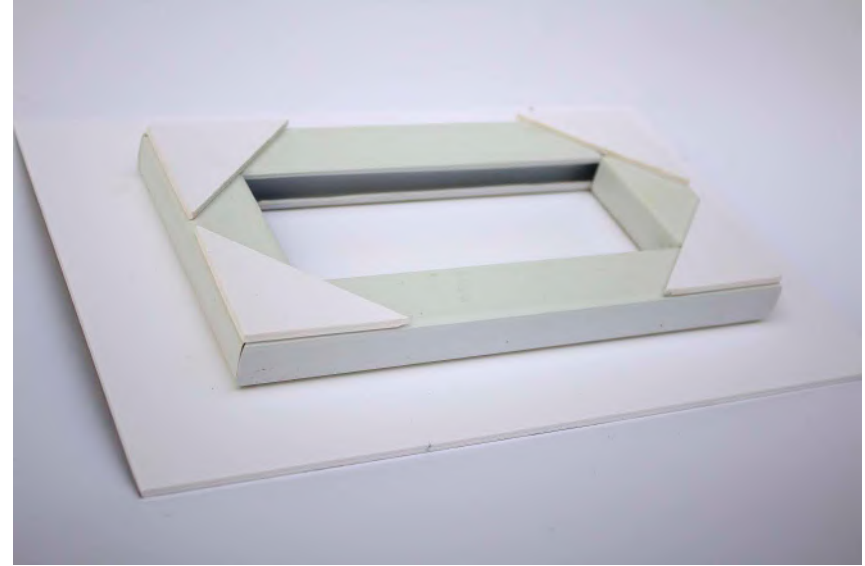
O método de impressão escolhido foi o Fine Art, pois garante maior qualidade, fidelidade de cor e maior gradação de tons, além de maior durabilidade de imagem. Utiliza jato de tinta com pigmentos minerais em papéis de fibra de algodão.

Optou-se pelo papel Platine Fibre Rag 310g da Canson por ser um papel 100% algodão com branco puro (sem uso de branqueadores) e resistente a umidade. É o papel mais recomendado para trabalhos em preto e branco, pois atinge uma gama de passagens de cinza que outros papéis não conseguem. Possui acabamento acetinado, que dá um brilho natural as fotos, um meio termo suave entre o matte e o glossy.

As fotos foram montadas em placas de PVC expandido com um sistema de estruturação utilizando perfis rígidos de PVC fixados no verso. Assim como as molduras, esse tipo de acabamento possui a mesma facilidade de montagem e desmontagem em uma exposição, sendo fixado na parede por um prego ou gancho, porém é mais barato e as imagens ficam mais leves. Outro fator importante é o fato das imagens serem apresentadas sangradas. Molduras por vezes tornam as imagens presas nelas mesmas, e para o conceito desta exposição é crucial que as imagens conectem entre si e preencham a sala com o mínimo de interferência.

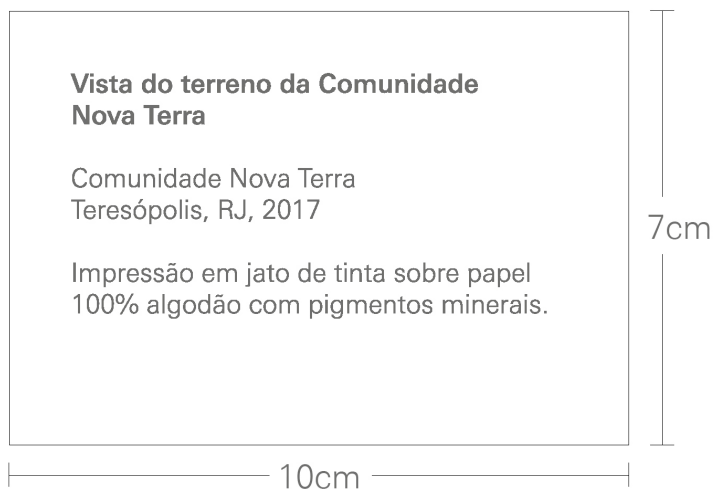


Fotografias montadas.

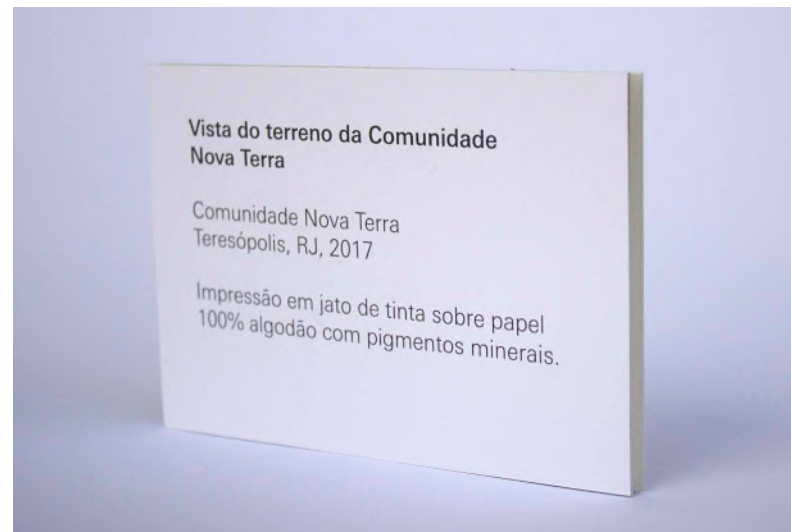


Fotografias montadas. Acabamento em PVC.

As legendas são a identificação das fotos. Elas contém o título, local, ano e método de impressão. Como pode ser observado nas elevações e vistas da simulação 3D da exposição, as legendas entram sempre a esquerda das fotos, alinhadas por baixo. Sua impressão foi feita em jato de tinta no papel Photo Matte 180g da Canson, por se tratar de um papel opaco de baixo custo e boa qualidade. Para acabamento, as legendas foram adesivadas em placas de foam board (papel pluma) branco e fixadas na parede com fita dupla-face VHB.



Medidas das legendas.



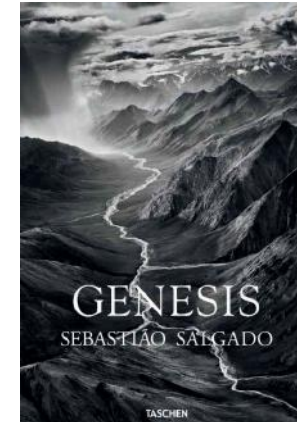
Legendas montadas.

3.3.2 IDENTIDADE VISUAL E MATERIAL GRÁFICO

O intuito deste trabalho de conclusão de curso é aproximar as pessoas dos santuários de animais, fazê-las conhecer o que são, e gerar interesse em ajudar. Tendo optado pela fotografia como principal veículo para passar a mensagem e a exposição como plataforma para exibi-la, era preciso desenvolver uma identidade visual que fosse coerente e fortalecesse o projeto, mas que não interferisse nas imagens.

Optei por uma identidade neutra, seguindo o caminho oposto do tratamento dado as imagens – onde o preto e branco foram entoadados –, e leve, com espaços em branco generosos e tons médios e claros de texto. Todas as decisões de design foram tomadas com o objetivo de destacar as fotografias.

Livros como “Marcel Gautherot, Fotografias” (Samuel Titan Jr., ed. IMS, 2016), “Gênesis” (Sebastião Salgado e Lélia Wanick Salgado, ed. Taschen, 2013), “Chichico Alkmim, Fotógrafo” (Eucanaã Ferraz, ed. IMS, 2017), “The Little Black Jacket: Chanel’s Classic Revisited” (Karl Lagerfeld e Carine Roitfelds, ed. Steidl DAP, 2012) e “Apreensões” (Bob Wolfenson, ed. Cosac Naify, 2010) serviram de referência como livros de fotografia, design simples e diagramação que valoriza a imagem.



Livros de referência.

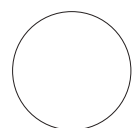
²³ Em referência ao cartão de cinza neutro (cinza 18%) usado em fotografia para calcular a exposição correta de uma cena ou objeto. O cinza que utilizo neste trabalho é literalmente a porcentagem 18% (de preto), sendo assim um cinza claro, diferente do cinza neutro real que possui 50% de branco e 50% de preto. O 18% associado ao cinza neutro é referente a sua propriedade de refletir 18% da luz incidente. Faça apenas um jogo de palavras.

A escolha das cores para este projeto não foi baseada em alguma representação dos santuários, mas sim em seguir a temática preto e branco e simplicidade para que as fotografias falem por elas mesmas. Neste cenário, julguei que a aplicação de qualquer cor fora da escala de cinza era desnecessária e defini duas tonalidades: cinza 18%²³ e cinza 70%, além do preto e branco e branco do papel.

O cinza 18% é utilizado principalmente no catálogo e folder, quando não se deseja utilizar a folha em branco, no caso de divisão de capítulos ou destaque de texto. O cinza 70% é aplicado em todos os textos, exceto os que estão com fundo cinza 18%, para que a leitura seja confortável e suave aos olhos, sem o contraste duro de um texto preto em fundo branco. O branco, como é conhecido no design, não é cor, é o papel. Neste projeto, além do papel, ele é utilizado no título da exposição e textos por cima de fotografias. Por último, o preto, aplicado como uma cor complementar em textos com o fundo cinza 18% ou áreas claras de fotografias onde o branco ou cinza tem sua leitura prejudicada.

A fonte Univers Next foi escolhida por apresentar excelente legibilidade em diferentes tamanhos tanto de texto corrido quanto de títulos e displays. Por não possuir serifas, a fonte conversa com o conceito de leveza e deixa bastante espaço para áreas em branco. Por vezes fontes serifadas tornam a mancha de texto mais carregadas e trazem consigo uma rigidez que considero dispensável. Como explicado no capítulo anterior, no tópico sobre Robert Doisneau, o trabalho realizado nos santuários é levado a sério, mas é cheio de vida e amor, portanto fontes pesadas e duras não são a melhor forma de representar estes lugares. A Univers Next também possui uma família tipográfica extensa, o que me dá liberdade criativa de utilizar mais de uma variação para compor o trabalho.

A Univers Next Light foi utilizada em todos os textos corridos, enquanto a Univers Next Medium Compressed foi usada em títulos. A Univers Next Regular foi aplicada em casos específicos, como no cartaz e convite virtual, para melhorar a legibilidade vide que o texto está aplicado sobre uma foto.



Branco
C 0 M 0 Y 0 K 0
#ffffff



Cinza 70%
C 0 M 0 Y 0 K 70
#6f6f6e



Cinza 18%
C 0 M 0 Y 0 K 18
#d4d4d4



Preto
C 0 M 0 Y 0 K 100
#000000

Univers Next Light
AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNn
OoPpQqRrSsTtUuVvWwXxYyZz
0123456789

Univers Next Medium Compressed
AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNn
OoPpQqRrSsTtUuVvWwXxYyZz
0123456789

O título da exposição utiliza a Univers Next Medium Compressed em caixa alta, blocado e foi pensado para ser aplicado sobre uma fotografia de forma a cobri-la, mas sem sangrar. A ideia por trás deste formato veio para trazer um elemento de mistério e contrastar com o interior sem ruídos tanto da exposição quanto dos materiais gráficos. Ainda é possível ver a fotografia mas há a interferência do título propositalmente “atrapalhando” a visão total da imagem, o que desperta a curiosidade natural do ser humano de querer ver o que está além daquela capa (no caso do catálogo) ou parede (no caso da exposição). É uma provocação para despertar interesse, um sneak peak, como dizem no mundo do cinema.



Aplicação do título no painel de entrada da exposição. Vista 2.



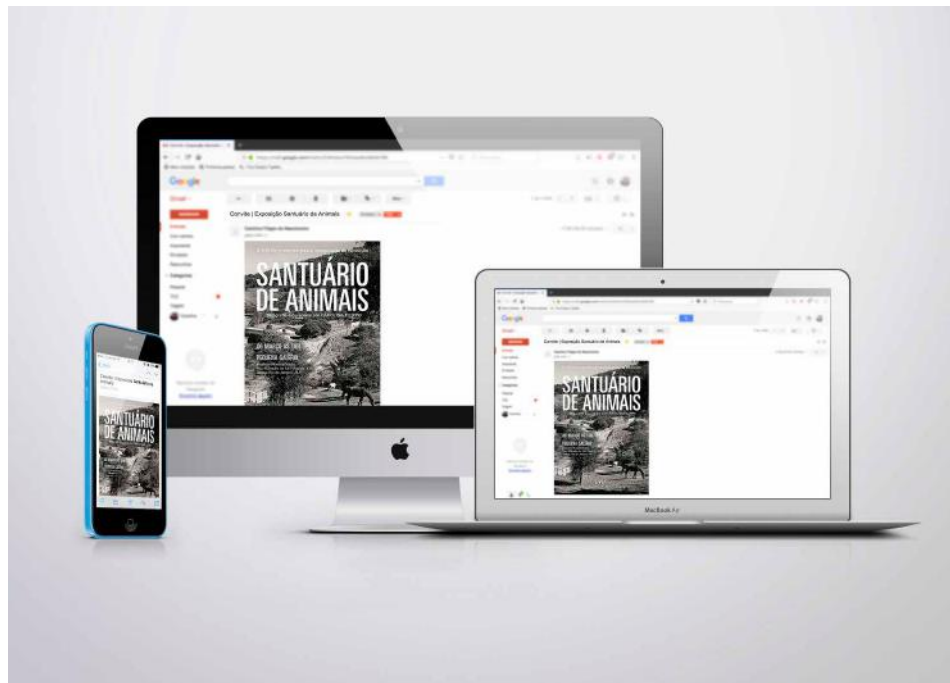
Aplicação do título no painel de entrada da exposição. Vista 1.

Para aplicação da identidade foram desenvolvidos materiais gráficos divididos em duas categorias: externa e interna.

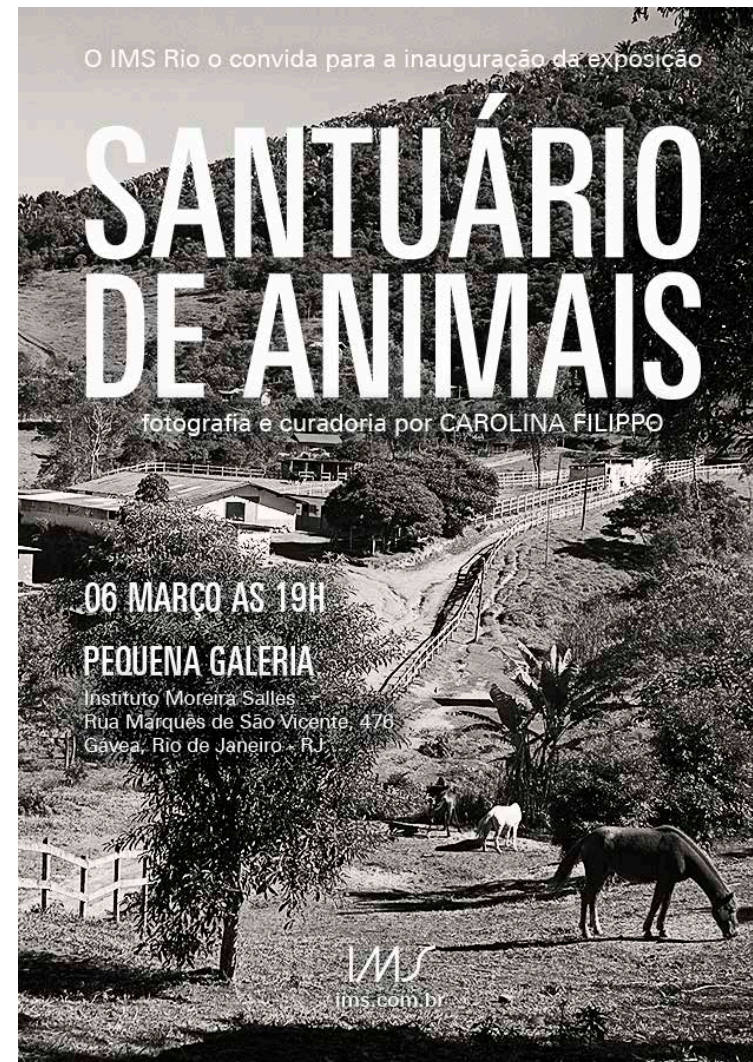
A aplicação externa diz respeito a todo o material de divulgação que irá informar e convidar as pessoas à visitarem a exposição. Para esse trabalho foi desenvolvido um convite eletrônico que será enviado para uma lista de e-mails, convidando de forma mais pessoal e direcionada pessoas de interesse ou parceiros; um cartaz para divulgação em massa, podendo ser aplicado em totens de rua, pontos de ônibus, lambe-lambe, espaços reservados dentro de universidades e instituições.

Embora todas as fotos sejam na horizontal, para esta categoria, optou-se pelo formato

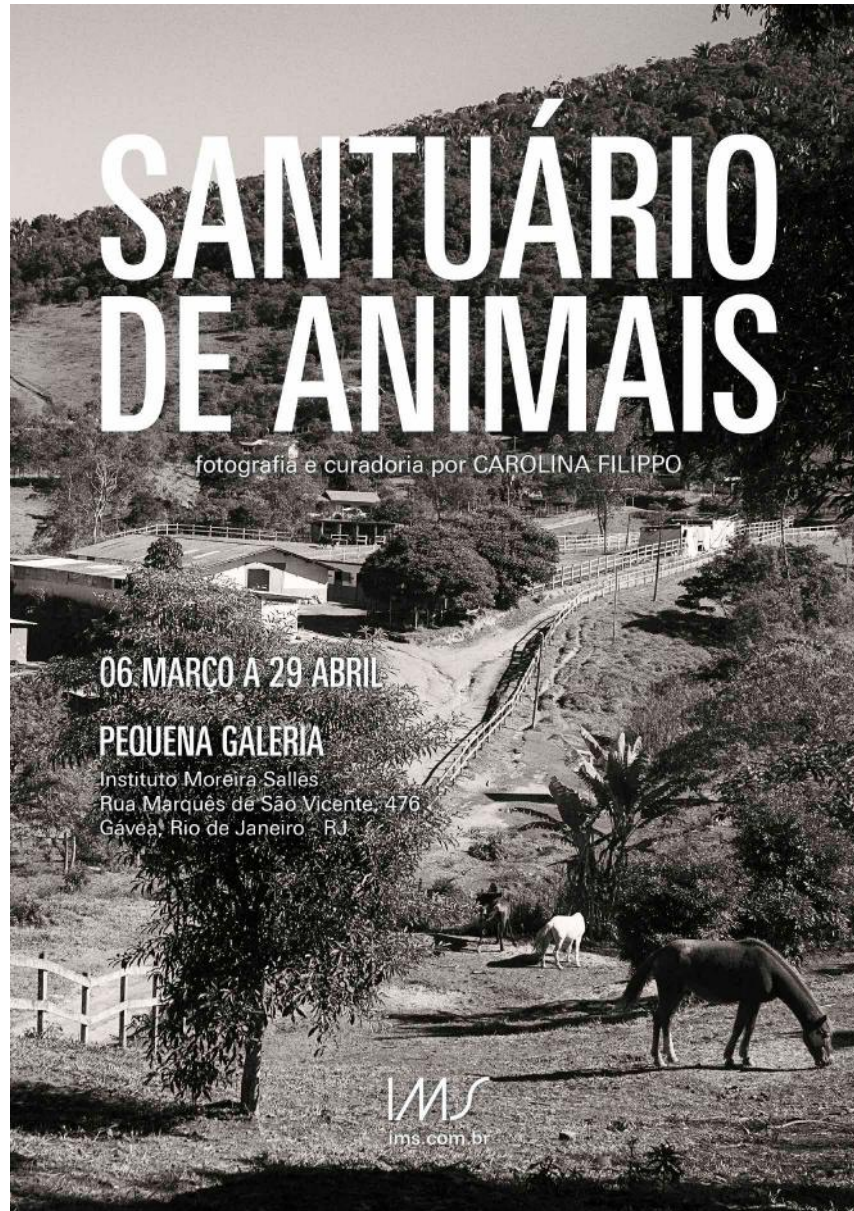
padrão na vertical, sendo necessário fazer um corte na imagem escolhida. Como a intenção é fazer uma chamada e despertar curiosidade para um meio externo, o corte é bastante coerente com o conceito de aplicação do título em apenas revelar uma parte da imagem.



Aplicação do convite virtual.



Convite virtual.



Cartaz.



Aplicação do cartaz. Ponto de ônibus.



Aplicação do cartaz. Totem de rua.



Aplicação do cartaz. Relógio de rua.



Aplicação do cartaz. Estação de metrô.

A aplicação interna diz respeito a todo material complementar a exposição. O visitante já estará lá, o objetivo deste material não é chamar sua atenção, mas sim servir de registro e recordação do que foi visto, algo que ele poderá levar consigo para casa. Tomando o livro “Apreensões” (Bob Wolfenson, Ed. Cosac Naify, 2010) como referência de formato, elaborou-se um folder e um catálogo, ambos em formato horizontal para valorizar e exibir as imagens por completo.

O folder estará disponível dentro da sala de exposição e por se tratar de um material gratuito, de tiragem média, onde o visitante irá manusear e colocar na bolsa, seu custo de produção não deve ser alto. Portanto, será impresso a laser em papel offset 300g, com laminação para proteger os vincos.



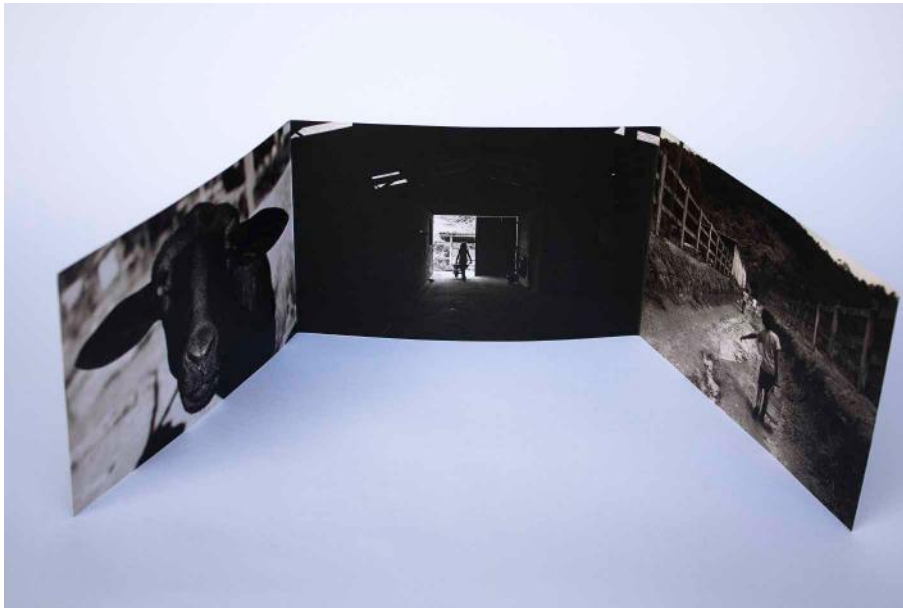
Folder planejado. Vista externa.



Folder planejado. Vista interna.



Folder montado.



Folder montado.

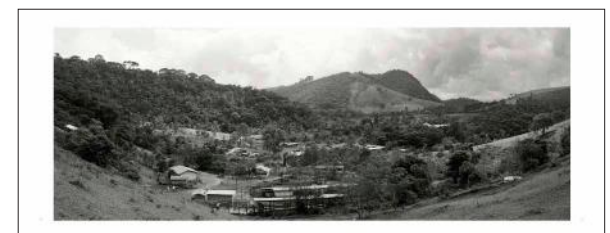
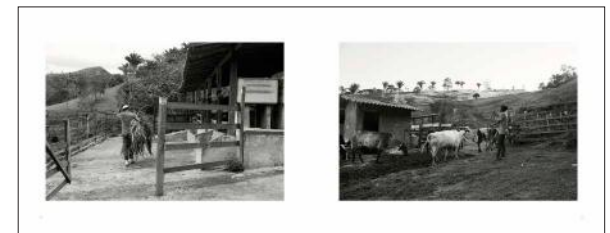
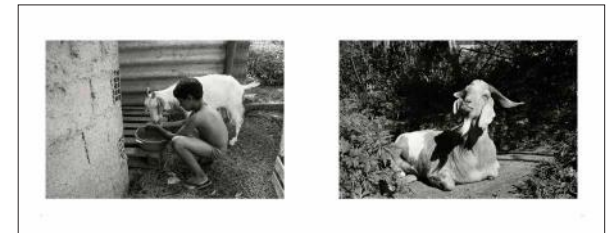
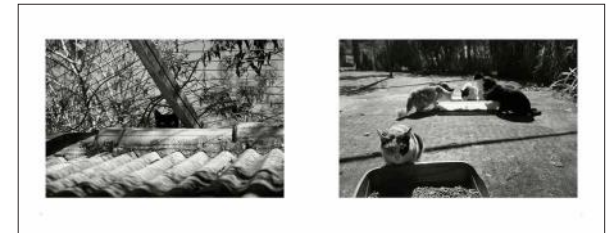
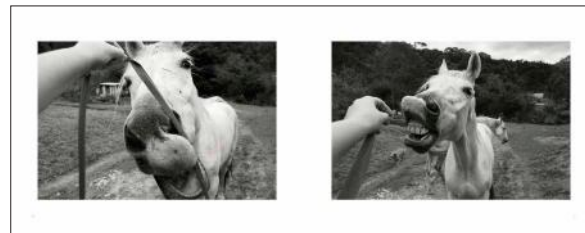
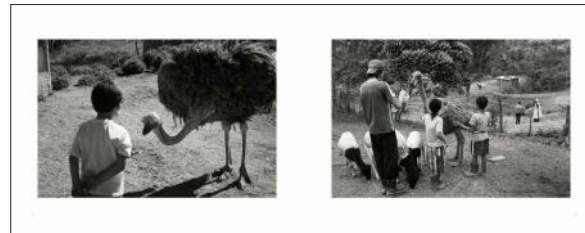
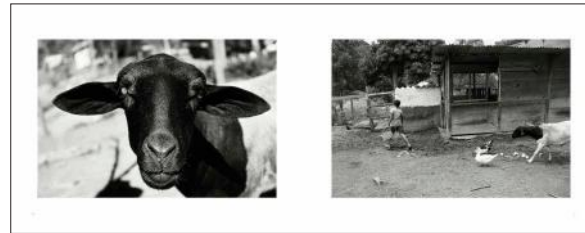
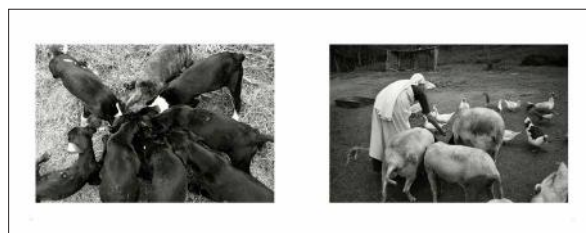
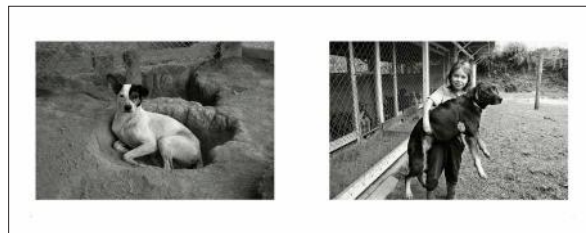
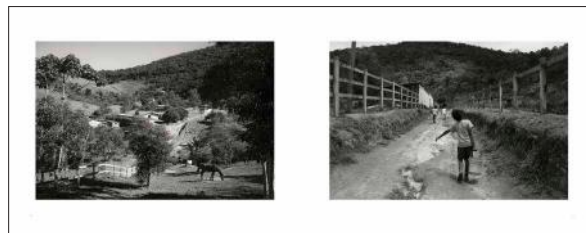
O catálogo é uma forma das pessoas levarem a exposição para casa, além de uma fonte mais aprofundada de informação que vai além do texto de curadoria. Ele estará disponível para venda na loja local e, idealmente, em livrarias. Não tenho intenção de lucro pessoal com sua venda, por isso, todo o dinheiro arrecadado será doado para os santuários. Por se tratar de algo para venda, seu tempo de vida deve ser maior, o que necessita de impressão e acabamento de melhor qualidade que o folder. O catálogo tem capa dura, com laminação e folha de guarda e será impresso em offset em papel semi brilho.

Sua diagramação foi pensada para ter o máximo de área branca possível e tornar a leitura mais agradável. Seu interior segue o conceito de simplicidade, enquanto o formato horizontal das páginas harmoniza com as fotografias, o que permite expandi-las ao máximo, mas sem sangra-las.

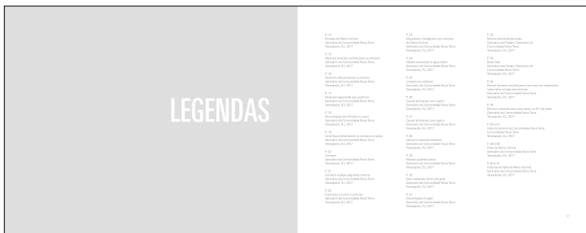
Catálogos carregam consigo não só a exposição, como também toda a identidade e decisões de design. São ao mesmo tempo complementares e independentes. Apresento a seguir o catálogo da exposição Santuário de Animais.



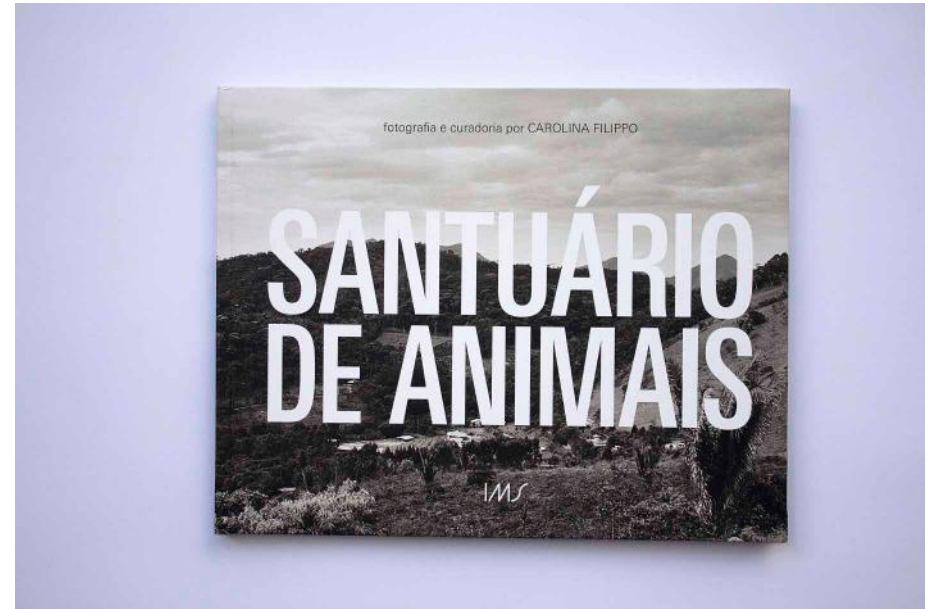
Espelho do catálogo.



Espelho do catálogo.



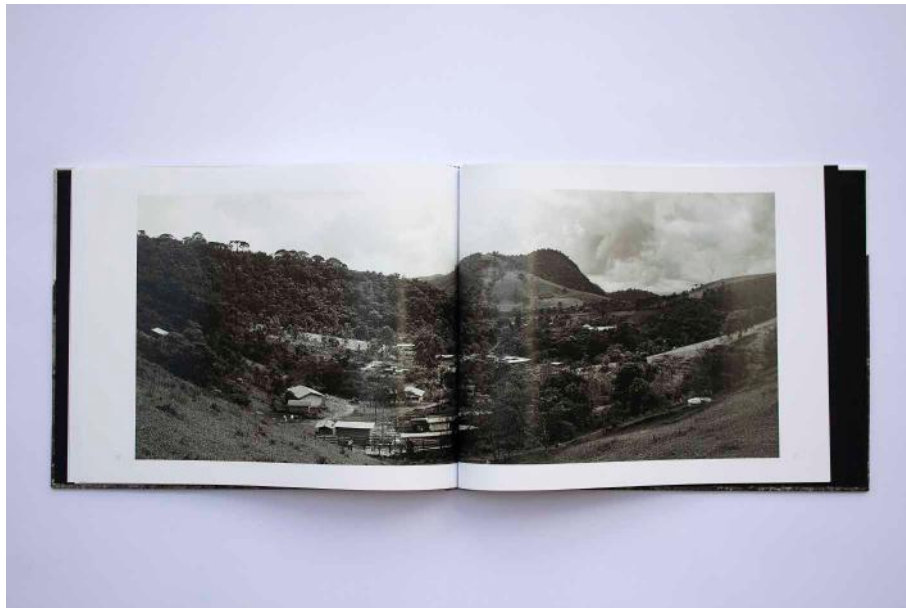
Espelho do catálogo.



Catálogo montado.



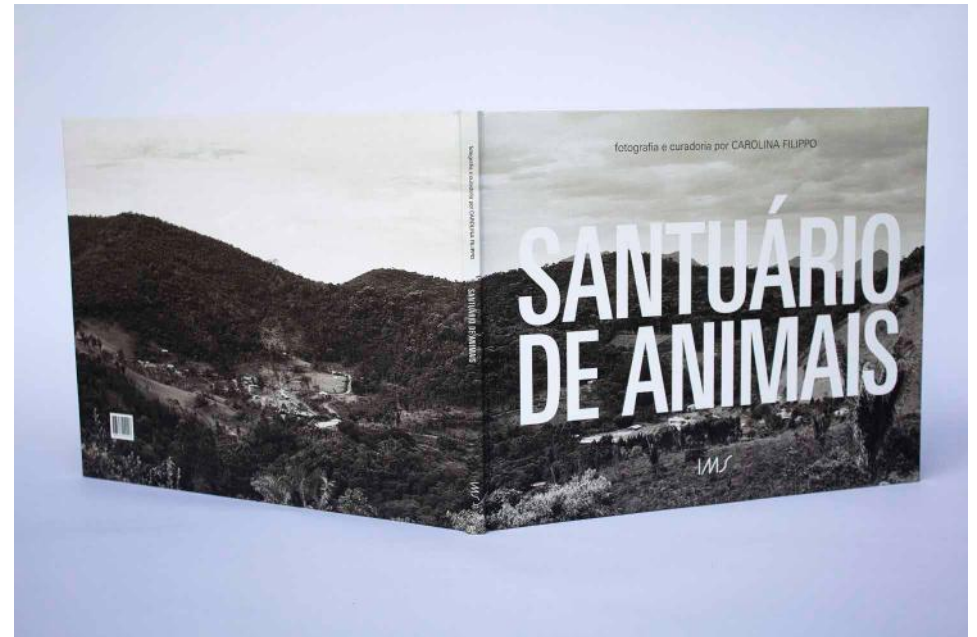
Catálogo montado.



Catálogo montado.



Catálogo montado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver esse projeto foi como estar em uma montanha russa. Incontáveis altos e baixos, crises de ansiedade e uma mistura de insegurança com orgulho. Acredito que aprendi mais sobre mim mesma nesses últimos meses do que em todos os anos dentro da faculdade. E no fim de tudo, sinto-me extasiada por alcançar um resultado do qual me orgulho.

A etapa de pesquisa, embora ligada a assuntos que tenho afinidade, foi bastante desafiadora. Era preciso definir um recorte que se acomodasse ao formato do TCC, mas a cada texto um leque de possibilidades se abria. Dar continuidade para meus estudos – sobre animais, fotografia e museografia – é algo que levarei para o futuro, tanto como aprimoramento profissional quanto entusiasta.

A chance de passar alguns dias dentro de um santuário, convivendo com os animais e moradores, e participando ativamente das tarefas diárias, foi uma experiência indescritível. Entrei perdida na faculdade e agora saio com

a convicção do impacto que o designer tem na sociedade. Feliz de poder usar meus conhecimentos e habilidades para difundir o trabalho de entidades que são fundamentais e precisam de ajuda.

Ao meu ver, concluo uma etapa deste projeto, mas não o dou como encerrado. A partir daqui, espero poder tirá-lo do papel com a ajuda de plataformas de financiamento coletivo e realizar a exposição. Além disso, minha relação e envolvimento com a causa animal continuam. A monografia abordou apenas dois santuários pois havia limitações inerentes a este formato. Por isso, a exposição é passível de crescimento e desejo levar o projeto em frente para incluir os demais santuários espalhados pelo Brasil. Cada um tem sua peculiaridade e todos merecem reconhecimento. Finalizo meu trabalho de conclusão como sendo o primeiro passo de um projeto maior.

BIBLIOGRAFIA

CARTIER-BRESSON, Henri. O instante decisivo. **O imaginário segundo a natureza**. 1ª. ed. Gustavo Gili, 2015. p. 15-31.

TRACHTENBERG, Alan (Org.). **Ensaio sobre fotografia**: de Niépce a Krauss. 1ª. ed. Lisboa: Orfeu Negro, 2013. 440 p.

CHIODETTO, Eder. **Curadoria em fotografia**: da pesquisa à exposição. São Paulo: Prata Design, 2013. 103 p.

WOLFENSON, Bob. Apeensões. 1ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 48 p.

BURGI, Sergio; TITAN, Samuel. **Marcel Gautherot**: Fotografias. 1ª. ed. São Paulo: IMS, 2016. 256 p.

FERRAZ, Eucanaã. **Chichico Alkmim**: Fotógrafo. 1ª. ed. São Paulo: IMS, 2017. 176 p.

SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. 1ª. ed. Taschen, 2013. 520 p.

LAGERFELD, Karl; ROITFELD, Carine. **The Little Black Jacket**: Chanel's Classic Revisited. 1ª. ed. Steidl Dap, 2012. 232 p.

ANIMAL, União Libertária. **O que é um santuário de animais?**. Disponível em: <<http://www.uniaolibertariaanimal.com/site/index.php/o-que-e-o-que-e/santuario.html>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

SEALBAG, Equipe. **Santuários de Animais do Brasil**. Disponível em: <<http://blog.sealbag.com.br/santuarios-de-animais-brasil/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

FADAS, Santuário das. **Santuário das Fadas**. Disponível em: <<http://www.santuariodasfadas.org/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

VEGGI&TAL. **Santuários para animais no Brasil**. Disponível em: <<http://www.veggietal.com.br/santuario-animais-brasil/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

GNOMOS, Rancho dos. **Rancho dos Gnomos**. Disponível em: <<http://www.ranchodosgnomos.org.br/index.php>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

LIN, Doris. **What's the Difference Between a Zoo and a Sanctuary?**: The difference between exploitation and rescue. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/difference-between-zoo-and-sanctuary-127657>>. Acesso em: 15 out. 2017.

CALLISON, Ben. **Why We Need Animal Sanctuaries (Op-Ed)**. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/difference-between-zoo-and-sanctuary-127657> <https://www.livescience.com/48666-why-animal-sanctuaries-are-needed.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

MALONEY, Faith. **How to Start an Animal Sanctuary**. Disponível em: <<https://bestfriends.org/resources/how-start-animal-sanctuary>>. Acesso em: 15 out. 2017.

GFAS, Global Federation Of Animal Sanctuaries. **The Truth About Sanctuaries**: Legitimate Sanctuaries versus Pseudo-Sanctuaries. Disponível em: <<http://www.sanctuaryfederation.org/gfas/for-public/truth-about-sanctuaries/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

KIRKWOOD, Scott. **Animal Sanctuaries: Havens on Earth?**. Disponível em: <<https://www.petfinder.com/animal-shelters-and-rescues/starting-a-pet-adoption-organization/animal-sanctuaries/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PETA. **How to Tell if a Place Is a REAL Animal Sanctuary**. Disponível em: <<https://www.peta.org/features/real-animal-sanctuary-zoo/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

GFAS, Global Federation Of Animal Sanctuaries. **GFAS Accredited Sanctuaries and GFAS Verified Sanctuaries**. Disponível em: <<http://www.sanctuaryfederation.org/gfas/about-gfas/gfas-sanctuaries/>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

ASA, American Sanctuary Association. **Accredited Animal Sanctuaries**. Disponível em: <http://www.asaanimalsanctuaries.org/accredited_animal_sanctuaries.htm>. Acesso em: 05 nov. 2017.

DECISIONS, Humane. **List of Animal Sanctuaries in the U.S.**. Disponível em: <<http://www.humanedecisions.com/list-of-animal-sanctuaries-in-the-u-s/>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

DENÚNCIA, Disque. **O Linha-Verde faz um alerta**: Maus tratos contra animais é crime. Disponível em: <<http://disquedenuncia.org.br/noticia.php?id=512>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GALILEU, Redação. **Último rinoceronte-branco do norte morre e espécie entra em extinção.** Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2018/03/ultimo-rinoceronte-branco-do-norte-morre-e-especie-entra-em-extincao.html>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

ESTADÃO, Conteúdo. **Tubarão é “mimado” no futuro AquaRio.** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/ag-estado/2016/10/30/tubarao-e-mimado-no-futuro-aquario.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

ENCICLOPÉDIA, Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Straight Photography.** Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo6178/straight-photography>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

STORY, The Art. **Straight Photography.** Disponível em: <<http://www.theartstory.org/movement-straight-photography.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

BRITANNICA, The Editors Of Encyclopaedia. **Lewis W. Hine:** American photographer. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Lewis-W-Hine>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

BRITANNICA, The Editors Of Encyclopaedia. **Robert Doisneau:** French photographer. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Robert-Doisneau>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

HAMILTONS, Gallery. **Robert Doisneau.** Disponível em: <<https://www.hamiltonsgallery.com/artists/robert-doisneau/biography/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

PHOTOGRAPHY, International Center Of. **Robert Doisneau.** Disponível em: <<https://www.icp.org/browse/archive/constituents/robert-doisneau?all/all/all/all/0>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

POIRIER, Agnès. **One of history's most romantic photographs was staged.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20170213-the-iconic-photo-that-symbolises-love>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PULS, Mauricio. **Cor ou preto e branco? Razões de uma escolha.** Disponível em: <<https://revistazum.com.br/radar/cor-ou-pb/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.